

Memorial¹

Cecília Loreto Mariz

Em 1974 ingressei no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco em Recife. Por que escolhi esse curso? Essa foi uma questão que tive que responder muitas vezes, na escola para meus colegas, amigos e familiares e para mim mesma. Entre as minhas colegas de escola e amigos, poucos sabiam o que eram sociologia e antropologia, e os que sabiam diziam que eu não iria ter emprego. Já as pessoas mais velhas, preocupadas com a situação política vigente, falavam que esse curso estava sendo desmontado, que os alunos eram visados politicamente e as posições ou empregos para sociólogos em instituições, como Sudene e outras, tendiam a desaparecer. Assim esse era um curso arriscado de se fazer sob vários aspectos, político e profissional.

Até o segundo científico dizia que queria estudar botânica, como meu pai, mas durante aquele ano decidi que ia prestar vestibular para sociologia e antropologia. Ao lembrarmos do passado, os relatos sobre eventos vivemos e justificativas para decisões que tomamos variam muito. Sabem disso não apenas os cientistas sociais, mas todos que refletem sobre suas próprias vidas com um mínimo de senso crítico. Atualmente considero que os ambientes familiar e religioso no qual vivia podem ter contribuído para meu interesse por sociologia, pois havia nesses grande preocupação com justiça social e problemas sociais em geral. Mas na época não tinha tanta clareza dessa influência. Por outro lado, pode também não ter sido por isso já que não havia ninguém das pessoas com quem convivia e que tinha vivido no mesmo ambiente que fez a mesma opção.

Na família, no colégio onde estudei o primário e ginásio, e também na paróquia e em grupos de jovens da Igreja Católica, que frequentei na adolescência, sempre havia indignação contra injustiças sociais e grande pobreza de parte importante da população de Recife e do Brasil de então. Esse valor era compartilhado, mas havia muito desacordo de como superar a pobreza e a desigualdade social. Em cada um desses ambientes, visões distintas se chocavam e havia acusações mútuas, conflitos entre grupos que

¹ Este memorial foi defendido em 21 de maio de 2018. A banca examinadora foi composta pelos Profs. Patrícia Birman (presidente), Otávio Velho, Carlos Steil, Marcelo Camurça e José Reginaldo Gonçalves.

deviam ser aliados por possuírem um mesmo ideal social.

Por outro lado, aqueles que eram os desfavorecidos e injustiçados, em nome de quem todos falavam e cujos interesses diziam defender, tinham aparentemente outra concepção de mundo e valores. Portanto, ajudar aos mais pobres, em geral, implicava também tentar mudar sua visão de mundo: “conscientizá-los”, “educá-los”, “promovê-los”. O estudo de sociologia e antropologia me parecia um caminho para entender esses múltiplos discursos e as raízes de seus conflitos e dissonâncias. Assim me motivava não apenas pela luta contra problemas sociais e injustiças, mas também pelo maior conhecimento de valores e tensões entre as visões de mundo dos diferentes grupos sociais, por entender conflitos entre grupos e entre indivíduos, e entre indivíduos e a sociedade. Dessa forma também pensava que alguns problemas estudados pela psicologia poderiam ser melhor entendidos quando se estudava a sociedade. Na época não conhecia Durkheim e seu livro *o Suicídio*, mas posteriormente quando o li, achei que tinha encontrado discussões que me interessavam quando procurei o curso.

Fui, então, para o curso de Ciências Sociais na esperança de conhecer mais sobre esses múltiplos problemas desde injustiça social até problemas psicológicos, incluindo stress e saúde mental. Entrei no curso de Ciências Sociais motivada para pesquisa, e como sabia que existia um mestrado em sociologia na UFPE, entrei na graduação já determinada a cursar um mestrado e doutorado depois. Não queria ensinar no ensino médio. Achava que os professores que trabalhavam com adolescentes tinham que passar mais tempo tentando despertar a atenção e o interesse desses do que ensinando conteúdo. Dessa forma, a licenciatura estava fora de meus planos.

Logo nos primeiros semestres da graduação, fiz disciplinas e leituras que me mobilizaram e me deram certeza que tinha escolhido o curso certo. Fiquei um pouco frustrada na época por haver pouca oferta de disciplinas em antropologia, mas os cursos de sociologia e os textos lidos me motivavam a ler mais. Ainda lembro como as leituras do livro *Perspectivas Sociológicas* (cujo título em inglês, *Invitation to Sociology*, é bem mais interessante) de Peter Berger e também do capítulo “A promessa” no *A imaginação Sociológica* de C.Wright-Mills, logo no início do curso, me entusiasmaram.

Enquanto estava ainda no então chamado “ciclo geral”, o professor Heraldo Souto Maior, que nos tinha ensinado Sociologia I e II, perguntou à turma quem queria ter experiência de pesquisa realizando um trabalho voluntário. Fui, assim, codificar questionários de uma pesquisa, da qual

ele participava junto a uma equipe da área de saúde da UFPE, sobre desnutrição infantil em Ribeirão, cidade da zona da mata pernambucana. Nesse processo o professor Heraldo comentava com os auxiliares de pesquisa algumas hipóteses e questões que os dados estimulavam a pensar. Várias dessas me despertaram curiosidade e lembro de algumas até hoje. Qual variável evita mais a desnutrição infantil? A instrução da mãe parecia evitar mais do que a renda total da família. Será que a religião tem impacto sobre o grau de desnutrição?

Quando essa pesquisa acabou procurei outros professores para saber se alguém precisava de auxiliar de pesquisa. O professor Sylvio Maranhão me chamou para ajudar a fazer tabelas para sua tese de doutorado. Também me explicou sua hipótese de trabalho e me sugeriu leituras para entendê-las. Sua tese, que ia ser (e efetivamente foi) defendida na Universidade de Wisconsin, adotava a teoria da dependência de Faletto e Cardoso, que estava muito em voga, para entender o subdesenvolvimento do Nordeste. Supunha que a dinâmica econômica de criação de subdesenvolvimento internacional, tal como descrita pela “teoria da dependência”, se replicaria internamente no país. Assim como outros professores da UFPE que me influenciaram, tais como Lia Parente Costa, Antonio Valença e Salete Marinho, Sylvio Maranhão tinha feito seu mestrado na Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO) no Chile, onde Faletto e Cardoso trabalharam.

Em 1975, fui estimulada por um chamado da Empresa de Turismo de Pernambuco (Empetur) para elaboração de monografia sobre um grupo folclórico típico do Carvalhal de nossa região, os Cabocolinhos ou Caboclinhos. Resolvi então fazer pesquisa levantando bibliografia, conversando com folcloristas, visitando essas agremiações carnavalescas, entrevistando os diretores e membros desses grupos. Consegui ir a mais da metade dos clubes de Cabocolinhos, que estavam registrados em um departamento da polícia estadual. Lembro da surpresa quando descobri a necessidade de registro desses clubes na polícia, e não na secretaria de turismo ou cultura. Fiquei mais surpreendida ainda ao saber que os centros de religião afro-brasileira também precisavam se registrar naquele departamento. Os clubes se localizam todos nas periferias e altos de morros de Recife e região metropolitana habitados por populações de baixa renda.

Em minha pesquisa bibliográfica li os trabalhos de Guerra Peixe, Mario de Andrade, Roger Bastide, Cascudo e Katarina Real sobre o cabocolinho e procurei conversar com folcloristas de Pernambuco. Roger Bastide e

Katarina Real insistiam na origem africana desse folguedo, cuja música e adornos se aproximavam mais de indígenas brasileiros: afirmavam que eram africanos fantasiados de índios. Para Bastide, o movimento indianista supervalorizou o índio e assim os negros se fantasiavam de índios da mesma forma que, em outros folguedos, se fantasiavam de reis europeus. Também defendi a posição desses autores, mas hoje acredito que a origem indígena foi subestimada por eles. O trabalho resultante desta pesquisa foi concluído em 1975 e premiado pela Empresa Metropolitana de Turismo (Empetur) em 1977. Um pequeno trecho foi parcialmente publicado na coleção *Folclore* da Fundação Joaquim Nabuco em 1979.

Quando fiz a pesquisa acima não estava preocupada com a religião, mas essa questão surgiu quando pedi para um membro do grupo que entoava as loas (o cantador) cantar algumas para que eu pudesse, tal como fez Mário de Andrade, registrá-las. O cantador me explicou que ele não sabia a letra da loa, pois era o caboclo, que descia na hora da dança, quem cantava de fato e quem conhecia tudo. Outro fato que me chamou atenção foi a estátua do caboclo “Sete Flechas” no clube desse nome, nela havia bilhetes colados e uma moça me explicou que eram pedidos ao caboclo. Ela mesma colou um bilhete. Ainda durante essa pesquisa conheci o Seu (Sr) João diretor de um clube no Alto José do Pinho, que reencontrei durante o campo para a tese de doutorado. Contarei mais sobre a entrevista que fiz nesse reencontro adiante.

Graças a essa pesquisa sobre Cabocolinhos, me aproximei de Mário Souto Maior, que coordenava o centro de estudos folclóricos da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). Muito criativo e entusiasmado pelo que fazia, Mário Souto Maior foi um folclorista produtivo, autor de vários livros. Mantive contato com Mário Souto Maior por vários anos.

Embora o objetivo da pesquisa para a Empetur fosse elaborar uma monografia de cunho folclorista e descritivo, minha ida ao campo levantou muitas questões sobre a visão do mundo das camadas populares. Foi uma surpresa, na época, descobrir o caráter religioso desse folguedo, que julgava antes ter uma dimensão puramente lúdica. Nessa pesquisa, como comentei antes, conheci Sr. João diretor do cabocolinho Tabajaras que morava no Alto José do Pinho, e tive o prazer de encontrá-lo anos depois quando fazia meu campo (em 1987) para a tese de doutorado. Nessa segunda entrevista Sr. João me contou que começou a dançar como caboclo nos carnavais, ainda adolescente, depois que foi aconselhado a fazer isso como único modo de resolver o problema de desmaios que enfrentava, de

responsabilidade de seu caboclo. O carnaval era uma forma de “adorcizar”, para usar a expressão I. Lewis, o “caboclo dele”. Discuto essa entrevista em um texto “Religião e Carnaval” apresentado no congresso da International Conference of Americanists 1988.

Essa experiência de pesquisa foi muito rica, mas sentia falta de orientação e de estar numa equipe de pesquisa. Os meus professores de sociologia da época não tinham interesse, nem valorizavam, os estudos de folguedos carnavalescos. Queria ter uma bolsa de Iniciação Científica (IC) do CNPq, como sabia que havia no departamento de Botânica onde meu pai era professor. Procurei a profa Lia Parente Costa, cujos cursos me estimularam muito, e ela me orientou a elaborar um projeto para concorrer à bolsa IC oferecida pela Pró-Reitoria de Pesquisa da UFPE. Na época Lia trabalhava com a professora Silke Weber em uma pesquisa sobre a democratização da universidade pública e sobre o perfil social dos estudantes universitários. Procurei combinar esse tema com uma questão de interesse pessoal. Meu projeto de IC tinha como objetivo entender motivações e expectativas de estudantes do curso de ciências sociais. Tratava assim de questões da psicologia social e da sociologia da educação.

Para alcançar os objetivos desse projeto, procurei traçar o perfil socioeconômico dos estudantes do curso de ciências sociais da UFPE e também registrar suas motivações, aspirações e expectativas em relação a esse curso. Com a ajuda do professor de estatística, Antônio Valença, calculamos uma amostra representativa sobre o universo de todos os estudantes do curso. Não consegui entrevistar toda a amostra (cerca de 125), mas quase a completei, entrevistando 119 estudantes. Fiz muitas tabulações, como não havia nada similar a *Excel* ou *SPSS*, foi um trabalho manual enorme.

Observei a distância entre o mundo da universidade e o da maioria dos estudantes de Ciências Sociais daquele período. Ocorria no país o chamado processo de “democratização universitária”, quando o vestibular tornou-se apenas classificatório permitindo o ingresso de estudantes de camadas sociais antes ausentes nesta instituição. Esses, contudo, se concentravam em cursos pouco desejados sem muitas chances de empregos futuros, como o de Ciências Sociais. Desejando apenas ingressar na universidade, estudantes se inscreviam em cursos sobre os quais pouco sabiam. Notava que os meus colegas do curso de Ciências Sociais desconheciam completamente o que era o curso em que tinham ingressado. Sentia que entre eles havia uma grande insatisfação com este curso por isso. As disciplinas que mais os

desagradavam eram as mais bem preparadas. Esta pesquisa me permitiu traçar um perfil socioeconômico dos estudantes. Uma das questões que tinha, então, era o que representaria aquele curso na vida daquelas pessoas.

Tentando responder essas perguntas, descobri que, como mostra Max Weber, a vida social é construída por consequências não intencionais das ações sociais. Entrar na universidade tinha, para aqueles alunos, consequências diferentes do que esperavam. A maioria se queixava por não saber que fariam como profissão e tinha entrado no curso sem saber do que se tratava. Observava, contudo, que os estudantes não saíam da universidade da mesma forma que tinham entrado. O curso tinha mudado sua visão de mundo, criado uma certa consciência crítica de sua biografia e da sociedade mais ampla. Nesse sentido embora a chamada democratização universitária fosse limitada em termos de ascensão social, podia ter consequências não intencionais em termos de ampliação de visão crítica social.

Ainda como estudante de graduação, tive experiência coletando dados para pesquisas organizadas por instituições de fora do Estado de Pernambuco (como por exemplo IUPERJ e Cebap). Também participei do “Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária” (Crutac)² da UFPE). Pelo Crutac, passei cerca de um mês em Sairé, cidade do agreste de Pernambuco, onde com outros estudantes realizamos um pequeno estudo na zona rural e urbana desse município.

Em finais de 1977 fui selecionada para o curso de mestrado em Sociologia da UFPE, que tinha naquela época o nível mais elevado na Capes (A). A seleção era muito concorrida (para os padrões de então) e exigia apresentação de um projeto de dissertação, aprovação em exames de conteúdo específico, estatística, dois idiomas (inglês e francês ou inglês e alemão), testes psicotécnicos e entrevista. Nenhum dos aprovados para o mestrado tinha vindo comigo da graduação de Ciências Sociais e a maioria já tinha tido experiência profissional. Quase todos eram de Pernambuco, mas havia estudantes de outros estados, Sergipe, Mato Grosso e Paraíba. Comecei o curso em março, e em abril comecei a dar aula como professora colaboradora no Departamento de Ciências Sociais da UFPE. Dessa forma, como vários outros colegas, cursei o mestrado ensinando Sociologia I e II (introdução à Sociologia). Mais adiante voltarei a falar sobre o início de minha carreira docente.

O número exigido de créditos em disciplinas no mestrado daquele tempo era bem mais elevado do que hoje em dia, os prazos eram mais amplos

² O Crutac era um programa nacional de extensão administrado localmente pelas universidades.

e a bolsa Capes também permitia renovação. Fiz assim muitas disciplinas interessantes (e li bastante) durante os anos de 1978, 1979 e 1980. Dentre essas disciplinas destaco as teorias sociológicas com Sylvio Maranhão e Cláudio Souto (ex-orientando de N. Luhmann e autor de uma teoria sociológica própria) e em especial os cursos ministrados por Silke Weber, que tratavam de questões como cultura, ideologia e valores. Ao contrário do curso de graduação onde nunca foi sugerida a leitura de Marx (embora estudássemos a “teoria histórico estrutural” e a “teoria do conflito”), no mestrado se discutia bastante essa literatura. Nos cursos citados de Silke Weber, discutimos a *Ideologia Alemã* (Marx e Engels), Althusser, Poulantzas e Gramsci. Como já tinha interesse em sociologia da educação fiz também disciplinas nessa área com Silke Weber.

Na sociologia da educação se discutia muito sobre os valores incutidos na escola e havia na época uma produção de teses e dissertações sobre o conteúdo do livro didático no ensino de história e linguagem. Achei instigante esse tipo de trabalho e resolvi pesquisar o conteúdo dos livros didáticos distribuídos nas escolas públicas para a disciplina “Ciências e Programas de Saúde” dos primeiros anos do curso fundamental. Posteriormente ampliei o escopo da pesquisa com a análise comparativa dos livros de linguagem e matemática e com visitas às casas dos estudantes de área pobre de uma escola em Recife onde se utilizavam esses livros. Fui à casa de vinte crianças conversar com elas e com seus pais ou responsáveis. Meu orientador era Heraldo Souto Maior, mas também contei com apoio importante de Lia Parente Costa e Silke Weber, e essa última me alertou sobre a possibilidade de concorrer em um edital para obter financiamento da Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco para essa pesquisa. Tive sucesso nesse edital e recebi esses recursos no início de 1981.

Como já comentei, ensinava na UFPE como professora colaboradora enquanto fazia o mestrado. Mas já no meu segundo ano de curso (em 1979) foi aberta uma vaga para professor auxiliar. Fiz o concurso e fui aprovada em segundo lugar e por isso assumi apenas no final de 1980 quando foram abertas novas vagas para um novo concurso. Em 1981, devido a negociações fruto de uma longa greve, fui promovida juntamente com todos os professores, que tinham sido colaboradores e aprovados em concurso, a professor assistente mesmo antes de concluir o mestrado.

Durante o ano 1981 fiz meu trabalho de campo e redigi minha dissertação defendida no primeiro semestre de 1982. Nesse trabalho concluí que o maior problema dos livros didáticos, era menos relacionado aos valores que

transmitiam do que a sua inadequação às condições materiais do aluno e mesmo, das professoras e da escola pública. Para serem eficientes os livros supunham material complementar e informações que nem professores nem a escola conseguiam suprir, muito menos as famílias das crianças. Dialogando com os argumentos de Bourdieu em *A Reprodução*, minha conclusão era que o livro didático analisado (e também por consequência a escola pública estudada) desempenhava um papel de reprodução da situação de classe, mas não pelos valores que ensinava, e sim por sua ineficiência em especial no ensino de ciência, matemática e linguagem. A inadequação do material didático à realidade dos alunos e da escola era enorme e podia impedir o aprendizado e assim se tornava um instrumento de reprodução das diferenças sociais. Acreditava, contudo, que se de fato o conteúdo dos textos analisados fosse apreendido pelos alunos, essa reprodução poderia ser ameaçada. Embora tivesse inicialmente me orientado pela questão da educação como reprodução do sistema de classe social, a pesquisa me tinha me conduzido de alguma forma para identificar na escola um potencial transformador. Achava que o instrumental cognitivo ensinado na escola compartilhado por classes altas e médias (que agora interpreto como uma forma mais racional e moderna de ver o mundo) teria um potencial de mudança social se fosse eficazmente ensinado, ao menos no contexto brasileiro e recifense daquela época. Disse no dia da defesa que não estava discordando de Bourdieu, apenas que nenhum francês da camada popular aguentaria viver na mesma situação que vivia a população que tinha estudado. Acreditava que uma população que soubesse ler e fazer cálculos apropriadamente, como a escola se propunha ensinar, não viveria naquelas condições sem se revoltar ou questionar.

Em 1982 e 1983 tive também oportunidade de discutir os resultados de minha dissertação em vários congressos e encontros que ocorreram em Recife, na Paraíba, no Ceará e no Pará. No entanto, somente pude publicar algumas conclusões do trabalho anos depois (em 1988) no *Cadernos de Estudos Sociais*³ da Fundação Joaquim Nabuco. A Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, que financiou a pesquisa, também selecionou o trabalho final, cujos direitos autorais possuía, para a publicação como livro. Essa, contudo, nunca ocorreu.

Após a defesa da minha dissertação de mestrado, tive as primeiras experiências no ensino de Pós-Graduação. Como havia grande carência de

³ As referências completas desse artigo e de outros de minha autoria mencionados ao longo desse memorial estão no meu cv lattes no endereço <http://lattes.cnpq.br/3387689737905740>.

doutores, vários programas possuíam no corpo docente professores apenas com mestrado. Ensinei nessa época no Mestrado de Geografia a disciplina Metodologia das Ciências Sociais e orientei uma estudante a elaborar seu projeto de dissertação. Também em 1983 colaborei com o professor Roberto Motta na mesma disciplina no Mestrado de Antropologia. Em 1984 ofereci uma disciplina sobre ideologia e valores no curso de especialização (pósgraduação lato sensu) em Psicologia Social na Universidade Católica de Pernambuco.

Na graduação continuava ministrando Sociologia I e II, como vinha fazendo desde 1978, mas tive oportunidade de participar de um projeto experimental de interiorização da UFPE na cidade de Pesqueira, localizada na região agreste de Pernambuco. Fui a primeira professora de Sociologia do curso de Administração. Os professores ficavam hospedados na casa dos moradores da cidade. Na época a vida em uma cidade naquela área ainda era muito distinta da de Recife. Foi uma experiência rica em termos de vivência pessoal. Por razões, que desconheço, projeto não teve condições de ser levado adiante e foi interrompido. Não sei ao certo se apenas se graduou uma turma ou duas.

Como mestre e professora assistente com Dedicção Exclusiva (DE), desenvolvi pesquisa que dava continuidade à minha dissertação de mestrado. Na última, concluía que o uso do texto didático dependia muito do professor, sendo sua atuação o elemento determinante para o sucesso no aprendizado. O professor poderia tornar inúteis bons textos. Nessa nova pesquisa, analisava os discursos das professoras sobre as “crianças carentes”, ou seja, crianças de famílias desprovidas de capital material e social. Os resultados desta pesquisa foram publicados em um artigo na revista *Estudos Sociais* da Fundação Joaquim Nabuco e uma comunicação na *Cadernos de Pesquisa* da Fundação Carlos Chagas/SP.

Ainda mobilizada pela sociologia da educação, me integrei em 1983 a um projeto de pesquisa nacional, coordenado na UFPE pelo Prof. Paulo Gileno Cysneiro do Centro de Educação da UFPE, o EDUCOM. Com apoio do CNPq, esse projeto buscava estudar as condições para introdução dos computadores nas escolas públicas. A equipe do Educom me convidou para pesquisar a atitude dos professores da escola pública em relação à introdução de computadores nas escolas onde ensinavam. O resultado dessa pesquisa foi publicado em coautoria com Paulo Gileno Cysneiros (coordenador do projeto) na revista *Tópicos Educacionais* (v. 3 em 1985). Basicamente, descobriu-se que os professores tinham pouco conhecimento

do potencial dos computadores e nutriam alguns preconceitos, entre esses o de que os alunos não precisariam mais raciocinar ou usar a memória, já que os computadores fariam isso por eles.

Como relatado acima, os primeiros anos de minha formação e experiência como professora pesquisadora foram dedicados ao estudo de questões sociais vinculadas à educação. No entanto, em todos esses estudos, minha área de interesse e foco principal eram antes as atitudes, valores, enfim a forma de ver o mundo e cultura, dos sujeitos que formavam a escola (fossem esses alunos ou professores), do que a instituição educacional com suas legislações e práticas. Cada vez mais me interessava pelos problemas sociais fora da escola, especialmente os valores e estilo de vida das camadas mais pobres que viviam no meio urbano. Esses pareciam distintos daquela visão moderna individualista, que também passava a querer entender mais. Como gostei muito do artigo de Luiz Fernando Dias Duarte (intitulado “O culto do eu no templo da razão”, esse título me impressionou.) escrevi para ele, já professor no Museu Nacional, perguntando se poderia me orientar em um doutorado, mas ele me respondeu explicando que ainda não podia orientar. Na época havia pouquíssimos orientadores de doutorado no Brasil.

Em meados de 1984 encontrei em Recife o professor Peter Berger, que tinha vindo a nosso programa de pós-graduação dar uma palestra. Conversando com ele, me motivei para fazer o doutoramento sob sua orientação na Universidade de Boston (Boston University BU), em um programa interdisciplinar desta universidade, o “University Professors Program”. Peter Berger falou muito bem desse programa recém criado, ao qual se vinculava. Embora contente com a conversa, demorei para escrever refletindo sobre o que e como o faria, quando recebi uma carta, ou melhor um bilhete, escrito por Berger, de próprio punho, dizendo “feel free to write to me”. Com esse estímulo, respondi logo e iniciei o pedido de admissão na BU e também o processo para solicitação de bolsas para as agências Capes e CNPq.

Algumas pessoas da UFPE comentaram que Berger era pró partido republicano, anti esquerda e que havia até boatos de que ele seria da CIA. Pela leitura de seus textos, não achei que sua posição política interferisse em suas teorias de forma problemática, tampouco acreditei que fosse da CIA. Recentemente, li sua autobiografia acadêmica (Berger, *Adventures of an accidental sociologist*, (New York Prometheus Books 2011) em que se refere a esses boatos e também a problemas que enfrentou na academia por

ser crítico da esquerda. Na entrevista que Renata Menezes e eu fizemos com ele em agosto de 2016, perguntamos se tinha sofrido preconceito na academia por suas convicções religiosas (pois tinha afirmado que desde sua juventude sempre foi luterano), e ele respondeu que pela religião não, mas sofreu preconceitos por sua posição política.

Em Boston, tive mais clareza sobre a diferença entre o doutoramento do departamento de Sociologia e o do University Professors Program, no qual me inscrevi. Os dois ofereciam o mesmo título, mas o último (que hoje já não existe mais) permitia a interdisciplinaridade e seguia, em certa medida, os moldes europeus de maior autonomia ao orientador e flexibilidade para o aluno. Peter Berger estava afiliado tanto ao departamento de Sociologia como ao University Professors Program. A ideia de interdisciplinaridade, especialmente com antropologia, me atraía muito e pensei que poderia fazer cursos naquela área, mas durante o programa vi que não seria viável e foquei em sociologia; Meu diploma foi registrado como doutorado em “Sociologia da Religião e da Cultura”. De toda forma, consegui um vínculo com a antropologia desde o início quando fui escolher um coorientador.

Descobri que o fato de elaborar tese sobre o Brasil já me colocava mais próxima dos antropólogos do que dos sociólogos. Nos EUA daquela época, Brasil era tema de antropólogos. O próprio Peter Berger me sugeriu que tivesse como coorientador o professor de antropologia Anthony Leeds, especialista em Brasil. Fiquei bem contente com a sugestão. Tendo já vivido e trabalhado no Rio de Janeiro, Leeds se dedicava especialmene à antropologia urbana. Mais adiante voltarei a falar sobre o Prof. Leeds e seu papel na minha experiência de doutorado.

As disciplinas que fiz com Peter Berger me levaram a ler seu trabalho e também ler e reler os trabalhos de Max Weber, que me pareceram mais claros em inglês. O meu interesse por esse autor e suas teorias aumentaram desde então, como fica claro em minha tese de doutorado e outros textos que tenho publicado, especialmente em dois dedicados a esse autor, um capítulo no livro de Teixeira e Menezes (2003) e artigo com Maria das Dores Machado na revista *Caminhos* (2005). Muitos *insights* de Weber me parecem ser bem úteis para entender fenômenos religiosos contemporâneos. Certamente minhas interpretações das ideias de Weber são marcadas pelas de Berger.

Embora fosse bastante ocupado e viajasse muito, Peter Berger foi um orientador atento. As reuniões para discutir os textos, que eu ia escrevendo para minha tese, eram rápidas, mas bem proveitosas. Com anotações curtas

escritas a mão, comentava por cerca de quinze minutos o que eu tinha entregue, depois escutava minhas respostas a seus comentários e fazia a tréplica. Sua posição política conservadora podia aparecer em algumas piadas e exemplos, especialmente em sala de aula, mas nunca senti que tentasse influenciar minhas reflexões. Como bom weberiano, buscava a objetividade em seus comentários.

Das disciplinas de outros professores que me marcaram, destaco especialmente quatro. Uma delas cursei no departamento de filosofia ministrada por Erazim Kohak, que leu conosco livros de Edmund Husserl. Também me marcou o curso sobre Habermas de James Schmidt. Habermas me ajudou a ampliar meu entendimento sobre racionalidade ocidental moderna. Esse era um tema que me interessava muito e no primeiro capítulo de minha tese de doutorado discuti o papel da razão em contraste com o da crença e religião na vida política e econômica em Marx e Weber. Na publicação da tese, como vou comentar adiante, retirei esse capítulo. Embora essas argumentações teóricas ajudassem a entender a minha tese, elas em si supunham de alguma forma uma nova tese, sobre similaridades entre Marx e Weber, que pensei então poder aprofundar mais em outro momento. No livro, como argumentaram os editores, e concordei com eles, essas reflexões poderiam retirar o foco das novidades das análises e dados empíricos que eu apresentava no trabalho.

A terceira dessas disciplinas foi a de Helmut Wagner sobre Schutz. Bem estimulante, esse curso me fez refletir mais sobre a relação o micro e o macrossocial e também as aproximações possíveis entre Schutz e Simmel. Wagner foi aluno de Alfred Schutz e especialista em sua obra, organizador da coletânea publicada em português pela Zahar como *Fenomenologia e relações sociais: textos selecionados de Alfred Schutz*. Admirava muito a disposição e entusiasmo desse professor, com mais de oitenta anos, vinha de fora de Boston para nos dar aula. No final do curso convidou cada aluno para almoçar separadamente e discutir o *paper* apresentado. Fiquei bem contente nesse almoço porque ele disse que meu *paper* era um ensaio teórico muito bom e original.

Como trabalho final para o curso de Wagner, escrevi a primeira versão do que se tornou um artigo, que publiquei posteriormente no Brasil, “O Estrangeiro e o Homem Moderno” (*Cadernos de Estudos Sociais*, no Recife, Fundaj 1988). Comparando Schutz e Simmel, argumento, nesse artigo, que ambos trabalham com a ideia de que a condição de ser o estranho ou estrangeiro em uma sociedade produz no indivíduo “experiências

subjetivas”, que reforçam crenças e valores individualistas. Argumento ainda que experiências desse tipo forneceria uma “plausibilidade interior ao indivíduo” que seria complementar à “estrutura de plausibilidade” discutida por Berger. A plausibilidade interior ganharia maior papel em uma cosmovisão individualista, também ajudaria a explicar porque alguns indivíduos podem ter posições distintas daquela de outros com quem convivem. Observando membros de uma mesma família, que convivem cotidianamente com os mesmos grupos e na mesma sociedade, me perguntava como uns se convertem ao pentecostalismo e outros não. Esse conceito poderia ajudar a entender esse fenômeno e o utilizei assim na minha tese de doutorado, também em minhas reflexões sobre religião e carnaval, e posteriormente meus textos sobre alcoolismo e a crença na possessão demoníaca.

Outro professor, cujo curso também me marcou, foi o sociólogo da saúde e da medicina Sol Levine. O seu curso tinha um longo título incluindo as palavras, “Life satisfaction, stress, health, happiness”. Essas eram questões que sempre me interessaram e que surgiram com frequência em minha pesquisa sobre religião. Por causa desse curso li o livro de Aaron Antonovsky (*Health, Stress and Coping*), que continua me inspirando em discussões sobre vários temas, e tenho sempre me referido a ideias desse autor. Acho que esse livro e o curso de Levine, como um todo, têm me ajudado nas reflexões de um dos eixos de minhas pesquisas: a relação entre religião e a busca do bem estar e da saúde. Um dos conceitos chave de Antonovsky é a Salutogênese, que eu me apropriei de forma livre para buscar entender como alguns jovens criados na favela eram capazes de ingressar na universidade, enquanto outros crescidos no mesmo ambiente, às vezes até da mesma família, entravam para o tráfico de drogas (*Os universitários da favela*, 1998 em coautoria com Silvia Fernandes e Roberto Nascimento).

Destaco também a influência de Paule Verdet, uma professora francesa do departamento de Sociologia especialista em Sociologia da Religião, que foi uma das minhas “readers”. Na BU além do orientador e coorientador, o doutorando tinha dois “readers” que participariam da banca. Os meus foram Anthony Leeds, também coorientador, e Paule Verdet. Meu primeiro contato com Paule Verdet foi através de Madeleine Cousineau, na época ainda Madeleine Adriance, cuja tese de doutoramento também defendida na BU, tratava das CEBs no Brasil. Mantenho contato com Madeleine até hoje.

A universidade de Boston era muito internacional, assim tive oportunidade de conhecer e fazer amizade com gente das origens mais diferentes do mundo. A proximidade com gente de países distantes e de culturas diferentes ajudou a colocar em outra perspectiva minha própria cultura e minha vida cotidiana em Recife, o que foi importante para minha própria tese. Também pude conhecer e trocar com estudantes de Harvard e do MIT. Em Harvard havia seminário semanal sobre o Brasil. Nesses anos fiz amigos muito queridos que tenho até hoje.

No final de 1985, Peter Berger inaugurava o “Institute for the Studies of Economic Culture” (ISEC), posteriormente batizado de “CURA- Institute on Culture, Religion and Affairs”. Por mais de vinte anos, foi o diretor, sendo substituído por Robert Heffner. Um dos projetos mais importante na fundação do instituto foi o de David Martin, professor de Sociologia da London School of Economics (LSE), sobre o crescimento do Pentecostalismo no mundo (pesquisa que resultou em seu livro *Tongues of Fire*).

Quando cheguei em Boston não pensava pesquisar religião, tinha apresentado um projeto sobre valores relativos ao trabalho, emprego e desemprego, e queria estudar pessoas que estavam sem trabalho ou sem emprego formal. A participação em debates sobre o crescimento do pentecostalismo despertou meu interesse por esse fenômeno. Decidi efetivamente mudar de objeto de estudo com o convite para auxiliar no levantamento e revisão bibliográfica do material em português e espanhol do projeto de David Martin. Engajada nesta pesquisa fui em 1986 ao México e vim ao Brasil para tentar levantar mais material bibliográfico e para ajudar David Martin em sua pesquisa no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Parte da minha missão era preparar a viagem de Martin ao Brasil agendando para ele entrevistas com pesquisadores do Rio de Janeiro e de São Paulo. Escrevi cartas para vários pesquisadores agendando encontros e conversas. Dessa forma tive contato com Francisco Cartaxo Rolim, Rubem César Fernandes, Pedro Ribeiro de Oliveira e com o Instituto Estudos da Religião (ISER). Dentre os pesquisadores que contatei em São Paulo, lembro especialmente da resposta atenciosa de Cândido Procópio Camargo se desculpando por não poder nos encontrar e sugerindo que eu procurasse Beatriz Muniz de Souza. Soube depois que Cândido Procópio tinha morrido naquele período.

Acompanhei David Martin em várias entrevistas no Rio de Janeiro, fui sua intérprete quando necessário, além de ter feito entrevistas e coletado mais dados bibliográficos. Dessa forma visitei igrejas, dois seminários

pentecostais e bibliotecas. Nos agradecimentos daquele seu livro, Martin me agradece por tê-lo ajudado “a sobreviver no Rio de Janeiro”. Realmente era um período complicado para alguém que não falava português viajar pelo Brasil. Estava em vigor o “plano cruzado”, nos restaurantes havia pouca opção de cardápio e quase não havia vagas em hotéis. Dar esse suporte a David Martin me ajudou muito porque tive contato com o que havia de mais recente sobre religião em geral e pentecostalismo no Brasil. Este trabalho foi muito útil na conclusão do meu projeto de tese.

Inicialmente pensei estudar na minha tese apenas os pentecostais. Focaria nos mais pobres em Recife, como esses lidavam com a questão da pobreza e problemas, como desemprego e outras dificuldades. Mas através de leituras e conversas com meu orientador e ainda com Paule Verdet e Tony Leeds, fui pensando na importância de comparações. Paule Verdet, que tinha muito interesse em Teologia da Libertação, defendia que estudasse também as CEBs. Como havia ampla literatura sobre as comunidades de base e, sobre o catolicismo da teologia da libertação, em geral, achei que a comparação mais interessante seria com a CEBs. Na época havia bem mais interesse no estudo das CEBs do que no pentecostalismo. Minhas conversas com os pesquisadores brasileiros e pesquisas em bibliotecas aqui, quando vim ajudar David Martin, me mobilizaram muito pelo estudo das CEBs. Mas Tony Leeds insistia também a necessidade de pesquisar outros grupos, lembrando da importância das religiões de matriz afro na cultura brasileira. Resisti de início a essa sugestão porque achava que era um projeto ambicioso demais em termos de coleta dados e de revisão da literatura. Sabia da amplitude das pesquisas sobre essas religiões. Mas fui convencida dessa necessidade durante a defesa de meu projeto.

Ainda durante a defesa do meu projeto, os meus orientadores pediam que eu procurasse escrever sobre o Brasil e não apenas Recife. Brasil é grande demais, eu argumentava, meu estudo seria qualitativo com entrevistas, histórias de vida e observações. Esses argumentos não os convenceram. Tony Leeds falava de Brasil, e David Martin iria falar do mundo todo, e não apenas do Brasil. Finalmente concordei e meu projeto propunha pesquisa sobre o Brasil baseada em ampla revisão da literatura e campo em áreas pobres de Recife e do Rio de Janeiro junto a pentecostais, católicos de CEBs e um outro grupo identificado como religiosidade popular que seria formado pelos outros - aqueles que adotavam e praticavam, em graus distintos, catolicismo popular e religiões afrobrasileiras.

Em abril de 1987 iniciei minha pesquisa de campo em Recife em áreas em

que havia CEBs ativas (essas áreas eram menos numerosas do que aquelas onde havia igrejas pentecostais). Escolhi duas para me deter e aprofundar pesquisa durante meu campo, embora tenha visitado e coletado alguns dados em outras. Nessas duas escolhidas podia participar das reuniões de ambos os grupos, CEBs e pentecostais. Posteriormente entrevistava gente da área dos diversos grupos religiosos. Como sou de Recife, tinha facilidade em identificar áreas para fazer o campo e me movimentar entre elas. No campo que fiz no Rio Janeiro contei com ajuda de Anthony Leeds e sua esposa, a também antropóloga Elisabeth Leeds, que tinham vários contatos em favelas da cidade. Também consegui contatos via o pessoal do ISER, especialmente a socióloga Solange Rodrigues.

Além dessa ajuda, o ISER me apoiou porque dispunha de uma ótima biblioteca aberta a pesquisadores de qualquer lugar. Embora fosse um espaço pequeno, era fundamental para quem pesquisava religião ir ao ISER porque lá era possível encontrar praticamente todas as dissertações e teses sobre religião defendidas no Rio de Janeiro e quase todas defendidas em São Paulo e no resto do país. Para um mundo ainda sem internet, encontrar todo esse material em um único espaço físico era algo valiosíssimo. Havia também muitas revistas: além das publicadas pelo ISER, encontrávamos revistas internacionais especializadas em sociologia e antropologia da religião: *Archives de Sciences Sociales et Religions*, *Social Compass*, *Sociedad y Religion* são algumas que me recordo bem. No ISER conheci vários pesquisadores de fora do Brasil, doutorandos como eu, levantando material para suas teses, entre esses estavam Manuel Vasquez, John Burdick, Ken Serbin, Kees de Groot. Ainda no ISER em 1987 conheci Ralph Della Cava, que oferecia um minicurso na UFRJ sobre Igreja católica no Brasil.

Durante esse período no Rio de Janeiro, inspirada pela pesquisa de campo, escrevi um pequeno artigo apontado semelhanças entre as igrejas pentecostais e as CEBs, publicado na revista *Comunicações do ISER* (1988), com ideias que desenvolvi em minha tese posteriormente. Fiquei no Brasil até março de 1988. O ano de 1987, portanto, foi dedicado à coleta de dados para minha tese pesquisando em áreas pobres do Recife e dos municípios circunvizinhos e também do Rio de Janeiro e região metropolitana. No Recife fui ao Alto José do Pinho, Dois Unidos, entre outras áreas; e no Rio de Janeiro coletei entrevistas em algumas favelas (no Morro dos Cabritos, na Penha, em Jacarezinho) em cidades da Baixada Fluminense. Como falei, alguns contatos que permitiram entrar em favelas cariocas eram de Anthony e Elisabeth Leeds que também passaram alguns meses no Rio de

Janeiro enquanto eu fazia meu campo.

Tony e Elizabeth Leeds foram um apoio importante, especialmente logo que cheguei em Boston, em 1985. O casal era muito acolhedor e me incorporou a um grupo de estudantes de Antropologia que se reunia para jantar e trocar ideias sobre suas teses. Lá conheci Cecilia Sardenberg, professora de antropologia da UFBA, e outros estudantes de antropologia de outros países. Através de Cecilia, conheci doutorandos da Bahia que estavam em Boston e também Júlio Braga, já doutor e especialista em religiões afro-brasileiras. Meu capítulo no livro *Religião e Cidadania*, publicado na Bahia, foi fruto desse contato com Júlio Braga.

Embora Tony Leeds nunca tenha conversado comigo sobre os aspectos weberianos de minha dissertação, percebia por comentários diversos que Weber não fazia parte de sua bibliografia. Apesar disso e das diferenças de posicionamentos na política nacional dos EUA e institucional da BU, Tony Leeds e Peter Berger estavam de acordo em questões em relação ao meu projeto de tese. Leeds teria estado na banca final da tese, mas morreu três meses antes da defesa, em fevereiro de 1989. Já tinha lhe entregue a versão final da tese quando teve o ataque cardíaco que o vitimou.

Sem Leeds na banca, Berger achou que deveria haver alguém que estudasse Brasil e havia apenas um professor de Antropologia, Pollock, que era especialista em um povo amazônico. Assim, os cinco membros da banca foram, além de Berger e Paule Verdet, Brigitte Berger (do departamento de sociologia, esposa de Berger e especialista em sociologia da família), Robert Heffner (do departamento de antropologia, um antropólogo que se dedicava à Indonésia e à antropologia da religião) e D. Pollock.

Em minha tese comparava a forma como pentecostais, fiéis católicos de comunidade de base e pessoas de religiões afro-brasileira e catolicismo popular lidavam com problemas do cotidiano. O foco da análise era a forma como os entrevistados ao contar sua vida entendiam a pobreza, as desigualdades sociais, suas causas e formas de superá-la e enfrentá-la. Procurei explicar o apelo que cada grupo religioso podia ter como cada um podia afetar a vida de seus participantes. Segundo minhas análises, pertencer a uma igreja pentecostal ajudaria a enfrentar uma situação de crise familiar e pessoal retirando as pessoas da miséria, mas não levaria a uma ascensão de camada social. Peter Berger comentou que apostava seu “nome profissional” (*my professional name*) que, em circunstâncias melhores para a economia brasileira, os pentecostais iriam ascender mais do que os de outros credos.

Essa questão não era para mim a mais importante de minha tese. Considero que contribui mais comparando os pressupostos cognitivos e os valores do cristianismo das CEBs, das igrejas pentecostais e daqueles vinculados a religiosidade afro-brasileira e catolicismo rural. Procurei discutir como esses afetavam também a dinâmica interna de cada grupo, e a relação do fiel com líder religioso e com o sagrado. Essa tese foi revista e atualizada sendo publicada em janeiro de 1994 como livro intitulado *Coping with Poverty* (Temple University Press). Em português publiquei algumas questões e reflexões a partir da tese em artigos na *Revista Eclesiástica Brasileira*⁴ (REB, Petrópolis, 1991), *Revista Crítica de Ciências Sociais* (Coimbra, Portugal, 1991), nas *Comunicações do ISER* (1993) e como capítulo dos livros *Religião e Cidadania* (Salvador: OEA/ Empresa Gráfica da Bahia, 1990) e *Na Força do Espírito* (São Paulo: Aipral, 1996).

Como doutora e de volta ao Brasil e à UFPE em 1989, passei a ser membro dos colegiados do mestrado em Sociologia e também do colegiado do mestrado em Antropologia daquela universidade. Participei de comissões de seleção de estudantes, orientei e ofereci disciplinas nesses cursos. Na graduação de Ciências Sociais ofereci disciplina obrigatória (teoria social) e também eletivas, e ainda disciplina externa. Também fui encarregada, por um período, de editar a revista do Mestrado em Sociologia (na época a *Comunicações PIMES*⁵). Além disso, orientei monografias de conclusão de curso, duas bolsistas de Iniciação Científica do CNPq e alguns mestrandos em antropologia e sociologia. Os meus primeiros três orientandos com dissertações de mestrado concluídas foram da UFPE. Com Lemuel Guerra (o primeiro a defender seu trabalho, que posteriormente se tornou professor de sociologia na Universidade Federal de Campina Grande) publiquei um artigo na *Comunicações do ISER* em 1990 sobre a reação conservadora da igreja católica em curso naquele período. Ainda tive experiência administrativa. Fui eleita vice de Celina Ribeiro Hutzler na chefia do departamento de Ciências Sociais da UFPE, mas logo Celina se aposentou (uma decisão tomada diante de mudanças imprevistas de legislação), e assumi a chefia até a eleição de Mabel Albuquerque, com quem trabalhei em seguida.

Em 1990 várias questões suscitadas em minha tese de doutorado me

⁴ Na época em que fiz meu doutoramento a única revista brasileira acadêmica que consegui encontrar completa nas bibliotecas da área de Boston era a REB. Quando enviei meu primeiro artigo em português para ela, lembrei disso. Gostaria de ter leitores também de outros países. Sabia que era distribuída regularmente em toda América Latina.

⁵ Sigla para Programa Integrado de Mestrado em Economia e Sociologia. Essa revista não existe mais.

motivavam para novas pesquisas, e assim, propus dois projetos no início daquele ano. O primeiro foi com Heraldo Souto-Maior, meu ex-orientador de mestrado. Apresentamos projeto ao edital Ford/ Anpocs propondo fazer tabulações especiais de dados do IBGE. Os recursos aprovados seriam para a compra das fitas do censo de 1980 e contratação de técnicos em estatísticas e informática, que fariam tais tabulações não realizadas pelo IBGE. Hoje em dia com avanço da informática, com dados do IBGE e programas de tabulações disponíveis na internet, nem lembramos como tudo isso era tão caro e complicado no início da década de 1990. A proposta era que o professor Heraldo analisaria as tabelas sobre família (seu tema de pesquisa), o que de fato chegou a fazer, e eu traçaria o perfil socioeconômico dos pentecostais e protestantes em geral no Brasil, em Pernambuco e Recife. Devido a problemas técnicos com as fitas do IBGE, a pesquisa sofreu muitos atrasos, também os recursos se mostraram insuficientes e a minha parte do projeto foi descartada pelo coordenador (nenhuma tabela com a questão religião foi feita). Assim tive que abandonar esse projeto. A frustração de não ter podido realizar essa pesquisa foi compensada pelo sucesso na aprovação pelo CNPq do projeto sobre alcoolismo e Pentecostalismo, que propus individualmente. Ganhei a minha primeira bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq, com direito a duas bolsas de Iniciação Científica. As minhas primeiras orientandas de IC foram Roberta Bivar Carneiro Campos, que depois obteve doutorado na Inglaterra e se tornou uma excelente professora de antropologia na UFPE com quem troco e dialogo até hoje, e Marcia Couto, também pesquisadora produtiva e destacada professora de sociologia na Escola de Medicina da USP. Foram excelentes bolsistas. Tive sorte!! Essa sorte se repetiu muitas vezes pois, em geral, tenho tido ótimos bolsistas de IC através dos anos.

Em minha tese de doutoramento notei que os entrevistados (pentecostais e outros) relacionavam a adesão ao pentecostalismo à superação do alcoolismo. Esse foi o tema do primeiro trabalho que escrevi depois da defesa da tese e que apresentei no congresso da *Sociedade Internacional de Sociologia da Religião* (SISR), em agosto de 1989. A ida a esse congresso resultou na publicação do trabalho na revista *Cristianismo e Sociedade* do México. Gostei muito do congresso da SISR e dos debates ali realizados, dedicados apenas ao estudo da religião. Naquele evento de 1989 havia apenas um outro brasileiro além de mim, Ari Pedro Oro. Voltei a esse congresso nos vinte anos, que se seguiram. Também voltei ao tema do alcoolismo, dependências e religião pentecostal.

Refletir sobre discursos de dependência (especialmente dos que a experimentam) tem me ajudado a discutir os valores e crenças sobre autonomia individual, tema central do cristianismo protestante e valor importante na cosmovisão moderna. O apelo para conversão, e mudança de vida cristã, assume e valoriza a concepção de um sujeito individualmente autônomo que pode e deve ser “livre”. A análise de experiência da dependência e sua superação via igreja (ou movimentos como o Alcoólatras Anônimos -AA), nos ajuda a refletir teoricamente sobre as diversas possíveis construções de discursos sobre a autonomia individual.

Essa reflexão sobre individualismo, como tentei mostrar no artigo “O Estrangeiro e o Homem Moderno” (*Cadernos de Estudos Sociais*, 1988), conduz a uma discussão sobre a racionalidade moderna que tem grande afinidade com a vida no mundo globalizado e em grandes cidades. A partir de uma maior elaboração sobre a relação entre a racionalidade moderna e individualismo na cosmovisão contemporânea, montei um projeto “guarda chuva” que integrava os vários temas de meus orientandos de mestrado (dois da sociologia e dois da antropologia) e o apresentei para Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia em Pernambuco (Facepe). A minha experiência no grupo de pesquisa de doutoramento nos EUA me convenceu da importância de trabalhar coletivamente com os orientandos em questões que se inter cruzavam entre os projetos deles e o meu projeto.

Ainda em 1990, enquanto os financiamentos para as pesquisas acima mencionadas não tinham saído, trabalhei em colaboração com a antropóloga Marjo de Theije, na época doutoranda da Universidade de Utrecht, Holanda, que conheci na UFPE, enquanto ela fazia sua pesquisa de doutoramento em Garanhuns. Fizemos um pequeno estudo e também um vídeo sobre a festa e romaria no santuário de Santa Quitéria, na área metropolitana de Garanhuns. Esse santuário nos despertou interesse por ser gerido por leigos apenas. Nossa questão central era a distância entre o catolicismo oficial e o popular. Um dado que nos chamou atenção foi o fato de que essa distância podia ser tão grande a ponto de vários fiéis nem se darem conta de que a igreja católica não reconhecia esse santuário nem reconhecia a própria Sta Quitéria como santa católica. Uma religião gerida pelos próprios fiéis interessava muito a Marjo e a mim, que estudávamos o projeto de empoderamento leigo da Teologia da Libertação. Além da autonomia laica católica, identificamos em nossa análise um “turismo religioso”, tema pouco abordado naquele tempo.

Dessa colaboração e pesquisa com Marjo resultou, além do vídeo

(amador, mas de grande utilidade didática para nós), um artigo publicado em português na revista *Comunicações do ISER*, em 1991, e em holandês em publicação da Universidade de Utrecht, em 1993. Esse trabalho marcou o início de uma importante parceria intelectual e uma grande amizade. Mais adiante comentarei outras colaborações com Marjo, entre essas um convênio internacional.

Quando foram implementadas as bolsas e chegaram os recursos do CNPq e da Facepe, pude iniciar o projeto sobre alcoolismo e pentecostalismo. Pretendia nesse projeto combinar dados quantitativos com qualitativos. Iniciamos a pesquisa aplicando um pequeno questionário em cerca de 400 residências de um bairro pobre do Recife. Pretendia, em um segundo momento, aprofundar a questão com pesquisa qualitativa entrevistando familiares e os próprios, que diziam ter se recuperado da dependência via igreja. Com os dados quantitativos, analisados pelo SPSS, traçamos um perfil religioso e socioeconômico do Morro Nossa Senhora da Conceição, bairro pobre escolhido para a pesquisa. Observamos que um quarto das famílias convivia com um bebedor problema e um terço declarava ter ou ter tido um bebedor problema. Entre os achados interessantes, observamos como as famílias eram religiosamente plurais. Esse conjunto de dados inspirou pesquisas posteriores de vários dos participantes, como por exemplo, a de Márcia Couto sobre a pluralidade religiosa intrafamiliar.

A experiência de coleta desses dados foi muito rica, várias vezes fui ao campo com a equipe de cinco estudantes da UFPE, entre esses as duas bolsistas IC acima citadas. Também contamos com a presença de um colega do tempo de Boston, Dean Graber⁶, que estava em visita no Recife, enquanto trabalhava como jornalista no Rio de Janeiro. Nesse levantamento também tivemos o apoio de Robin Nagle, doutoranda em Antropologia da Columbia University, em trabalho de campo para sua tese (publicada no livro: *Claiming the Virgin*) no bairro que pesquisávamos. Após a ida ao campo fazíamos reuniões onde trocávamos experiência - essa troca era importante para a pesquisa e muito divertida também.

Em 1991 tive oportunidade de ampliar meus contatos de pesquisa fora do Brasil através de algumas viagens. A primeira foi ao Chile a convite de Waldo César do ISER, que me conhecia por meu artigo publicado em 1988 na revista *Comunicações do ISER*, já comentado, no qual apresentava algumas ideias que desenvolvi em minha tese. No Chile participei, como

⁶ Dean Graber também me ajudou muito na transformação da minha tese de doutorado no livro publicado pela Temple University Press em 1994.

socióloga especialista em pentecostalismo, em uma reunião promovida pelo Conselho Mundial de Igrejas (*World Council of Churches*). Pude conhecer, além de outros especialistas não religiosos convidados, pastores de vários países da América Latina que me contaram sobre o cotidiano em suas igrejas, a prática de seus fiéis e suas experiências políticas.

A segunda viagem ocorreu graças a um programa de intercâmbio entre o mestrado de Sociologia da UFPE e o Institute of Latin American Studies da London School of Economics (ILAS/LSE). Além de desfrutar da biblioteca da LSE, pude conhecer pesquisadores e professores que trabalhavam no Reino Unido e fazer uma palestra sobre Pentecostalismo no Brasil no ILAS/LSE. Além disso, como resultado de minha troca com Marjo de Theije, recebi um convite do Departamento de Antropologia da Universidade de Utrecht para falar sobre minha tese de doutoramento. Nesta ocasião tive oportunidade de discutir meu trabalho com Andre Droogers, Gert Bank, Franz Kamsteeg entre outros. No Reino Unido tive ocasião de conhecer pessoalmente e conversar com Bryan Wilson que trabalhava e morava na Universidade de Oxford.

Outra viagem em 1991, que resultou proveitosa, em termos de divulgação de minha tese, foi minha ida a um congresso da Latin American Studies Association (LASA) que ocorreu em Washington. Apresentei um texto sobre alcoolismo, pentecostalismo e gênero em uma mesa sobre gênero na América Latina, organizada pelo antropólogo da UFPE Russell Parry Scott. Nesse encontro conheci David Stoll (autor do livro *Is Latin American turning Protestant? The Politics of Evangelical Growth* (1990), que comentou ter lido minha tese e me sugeriu que procurasse a editora da Temple University Press durante a LASA mesmo, pois havia um stand da editora que estava interessada em livros sobre religião na América Latina. De volta ao Recife, enviei minha tese e rapidamente recebi bons pareceres e a aprovação para publicação. Todo processo de atualização de dados estatísticos, da bibliografia e revisão de estilo e do inglês, levou um pouco mais de dois anos e o livro foi finalmente publicado em 1994, quando já estava no Rio de Janeiro trabalhando na UFF.

Meu compromisso legal com a UFPE venceu em agosto de 1991, destaco “compromisso legal” porque sinto que o compromisso afetivo moral nunca tem prazo para se esgotar. Sempre sinto certa culpa por ter deixado a instituição que me deu tantas oportunidades, mas na época queria muito trabalhar no Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro me atraía por vários motivos, e entre esses se destacava a existência de grupo de pesquisadores sobre o

tema religião reunidos pelo ISER. Como comentei antes, conhecia o ISER desde 1987.

No final de 1991 soube que a Universidade Federal Fluminense (UFF) havia aberto um concurso para uma vaga de adjunto em Sociologia e resolvi concorrer. O modo como soube desse concurso, minha inscrição, as datas de sua realização ocorreram surpreendentemente a favor de minha ida para o Rio de Janeiro, como narro a seguir. Ter sido fruto da conjunção de várias ocorrências com baixa probabilidade ajudou a amenizar a culpa de minha decisão de sair da UFPE, dando a impressão que fiz o que “era para ser feito”. Um dia, durante um longo período de greve em todas universidades federais, refletindo sobre se devia ou não sair de Recife, para onde ir, tive a ideia de ligar para o departamento de Sociologia da UFF. Como estávamos todos em greve, liguei meio à toa sem pensar muito, duvidava que atendessem durante a greve. Para minha surpresa, não apenas a secretária atendeu o telefone, mas também me informou que havia um concurso aberto para professor adjunto, mas que o prazo para inscrição se encerrava em uma semana. Pensei que funcionários da UFF faziam mais plantão do que os da UFPE em tempo de greve, depois soube que não era assim, quando trabalhava na UFF raramente consegui falar com essa secretária por telefone.

Logo que soube do concurso entrei em contato com uma amiga no Rio de Janeiro, que se prontificou a ir a Niterói para me inscrever no concurso. Corri para enviar por sedex o material e procuração para minha amiga, que me increveu no final do expediente do último dia de inscrição. Eu era a única candidata. Também, por coincidência, o concurso ocorreria entre dois eventos para os quais já tinha passagem e licença para viajar. Ocorreu uma semana depois do encontro do Grupo do Catolicismo no ISER (Rio de Janeiro) e uma semana antes da reunião da Anpocs em Caxambu, MG.

Sendo aprovada em outubro, tive, como de praxe, alguns meses para assumir o cargo, tempo suficiente para concluir os cursos que ministrava na UFPE referentes ao segundo semestre de 1991. Como a greve na UFF foi bem mais longa do que na UFPE, os cursos que iniciei na UFF, em janeiro 1992, correspondiam ao segundo semestre de 1991. Dessa forma, ensinei disciplinas do segundo semestre letivo de 1991 nas duas universidades.

A primeira disciplina que ofereci na UFF foi introdução às teorias de Marx e Weber nos turnos tarde e noite do curso de ciências sociais. Fiquei positivamente surpresa com a delicadeza do chefe do departamento, Santo Comparato, e a coordenadora do curso, Maria Lúcia Pontual Braga,

me cumprimentarem dizendo que os alunos estavam gostando muito de minhas aulas. Depois descobri que esses colegas estavam aliviados porque aqueles alunos tinham protestado contra minha indicação para essas disciplinas. Por meu doutoramento ter sido nos Estados Unidos, diziam que eu não saberia nada sobre Marx e não poderia dar a disciplina. Antes de me conhecerem já haviam solicitado que eu não ficasse com a turma. Não sei se sabiam quem tinha sido meu orientador, talvez soubessem de sua fama de ser crítico do marxismo. Percebo agora que ali sofri o tal preconceito que Peter Berger disse ter experimentado, como comentou com Renata Menezes e comigo na entrevista já citada que fizemos com ele em 2016.

Na UFF ministrei quase exclusivamente disciplinas obrigatórias de Sociologia na graduação de Ciências Sociais e em cursos externos. A experiência na pósgraduação foi pequena, apenas ministrei um curso de metodologia na Especialização em Serviço Social. No período orientei cerca de seis bolsistas de Iniciação Científica (CNPq e aperj), dois monitores e quatro monografias para conclusão de curso. Pertencia ao departamento de Sociologia e lá fiz grandes amigos que tenho até hoje, também fiz amizade e convivi com colegas dos departamentos de antropologia e de política. Um campus perto da praia com colegas acolhedores e alunos entusiasmados, gostei muito do tempo que estive lá. No entanto, o fato do departamento de Sociologia não possuir pósgraduação naquela época, onde eu pudesse me engajar, limitava meu trabalho acadêmico. De início procurei me vincular ao programa de mestrado que integrava antropologia e política, mas não havia outros pesquisadores com interesses similares aos meus. Decidi sair da UFF aceitando o convite de Patrícia Birman, em 1994, para participar, como professora visitante, da linha de religião da pós graduação em Ciências Sociais da UERJ, mais adiante voltarei a falar da minha decisão pela UERJ.

Quanto à pesquisa na UFF, dei continuidade à parte qualitativa do projeto sobre alcoolismo com dois bolsistas de Iniciação Científica. Redefini o objetivo da pesquisa e entrevistamos (os bolsistas e eu) pentecostais que alegavam serem ex-alcóolatrás (ou ex-alcoolistas) de diversas denominações tanto de classe média como popular. Observamos que, nenhum entrevistado, nem mesmo os de camada média, relatou ter pensado em procurar psicólogo ou psiquiatra quando quis se livrar da dependência que sentiam da bebida. Foram direto para uma igreja. Na análise dos dados, foquei o termo “libertação” frequentemente usado para se referir à superação da dependência. Os dados dessa pesquisa me ajudaram em

estudos que fiz posteriormente. Livre da dependência, o indivíduo se sentia “liberto do demônio”, podendo agir por sua própria vontade, conseguiria parar de beber e seria capaz de seguir os ensinamento de Deus. Doença e desvio da lei de Deus aí se identificavam por terem uma mesma origem e causa.

Encerrando essa pesquisa, tive a chance de me integrar ao grupo de estudo do catolicismo do ISER. Coordenado pelo professor Pierre Sanchis (UFMG), esse grupo, naquele momento formado por Regina Novaes, Patrícia Birman, Samira Crespo, Maria das Dores Machado e por mim, propôs ao CNPq o projeto “A dança do sincretismo”. Relacionado a esse projeto “guarda chuva” Maria das Dores C. Machado (Dodora) e eu desenvolvemos um estudo comparando pentecostais e católicos carismáticos. Nosso projeto, intitulado “Identidade, sincretismo e trânsito religioso”, me proporcionou a minha primeira experiência pesquisando a Renovação Carismática Católica. Esse foi o início não apenas de um novo campo de pesquisa empírico, mas principalmente de uma importante parceria e de grande amizade, que mantenho até hoje, com Dodora. A partir de então trabalhamos juntas em inúmeras pesquisas, publicações em ocasiões as mais diversas, sobre algumas comentarei mais adiante.

Como produto desse primeiro projeto, apresentamos trabalhos em vários congressos nacionais e internacionais, dentre esses destaco o das *Jornadas sobre Alternativas Religiosas en Latino América* (1994, Montevideo, Uruguai) porque durante esse evento foi criada a Associação dos Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM). Essa associação tem sido para mim um espaço importante de troca acadêmica nos anos que se seguiram. Através dela e das Jornadas (que ela passou a promover) ampliamos bastante nosso debate sobre a relação entre religião e sociedade incluindo nesse debate e em nossa rede de trocas colegas de outros países, especialmente Argentina.

A discussão sobre o sincretismo iniciada nesse projeto tem sido um tema recorrente sob formas diversas em vários estudos e projetos subsequentes, como mostrarei a seguir. Essa primeira pesquisa sobre sincretismo, mencionada acima, resultou em artigo publicado com Dodora, em 1994, na revista *Comunicações do ISER*. Nele refletimos sobre o conceito de sincretismo e observamos a circulação entre igrejas evangélicas por parte dos pentecostais que pesquisamos. Argumentamos que todas as religiões são inevitavelmente sincréticas, mas que elas se distinguem por assumir ou negar esse sincretismo. Assim a pesquisa nos levou a sublinhar o contraste entre o discurso antissincrético adotado pelo pentecostalismo ,

que cresce majoritariamente nas camadas populares e nos países periféricos do chamado Terceiro Mundo, e o discurso da religião identificada como do tipo Nova Era e a experiência de religião “à la carte” e de valorização da *bricolage* que se relaciona a processos de desinstitucionalização religiosa, descritos em países mais ricos e mas também entre as camadas de maiores instruções em países periféricos.

Em continuidade ao projeto sobre sincretismo e ainda integrado ao grupo do ISER, propusemos outro estudo comparativo sobre a figura do demônio entre os protestantes pentecostais e os católicos da Renovação Carismática Católica (RCC). Essa pesquisa, que resultou em publicações e participações em eventos, chamava atenção para o papel desempenhado pelo demônio de reforço do discurso antissincrético. Apesar de terem esse papel, os demônios podiam ser considerados manifestações sincréticas porque eram identificados com os deuses de outras religiões. Eram, portanto, sincretismos que negativizavam outras religiões e desautorizavam possíveis sincretismos. Também argumentamos que o responsabilizar o demônio pode ajudar as pessoas a se perdoarem, como no caso dos ex-alcoólatras, e ainda a perdoarem outros, como por exemplo as mulheres que perdoam seus esposos agressores.

Ainda, observamos a relação entre a ênfase no demônio e a maior institucionalização das religiões pentecostais e sua busca por espaço público via mídia e política. As discussões das pesquisas, que fazíamos então, nos levou a destacar a necessidade de relacionar sincretismo e a ênfase no demônio nas religiões à condição concreta de vida do fiel, de sua camada social e sociedade mais ampla. Essas reflexões foram desenvolvidas no texto “Mudanças recentes do campo religioso brasileiro” (*Antropolítica*, 1998) que, em versão revista e retrabalhada, foi também publicado em francês, ambos em coautoria com Maria das Dores Machado (na revista *Social Compass*, 1998).

Dentre outras publicações desse período, destaco duas. A primeira foi o artigo “O Demônio e os Pentecostais no Brasil” que publiquei em 1997 no livro *O Mal à Brasileira* organizado por Birman, Novaes & Crespo. A segunda foi uma revisão bibliográfica crítica sobre a “batalha” ou a “guerra espiritual”, publicada em 1998 no número 48 da *Revista BIB*. Em ambos trabalhos, me inspirei no livro de Keith Thomas, *A religião e o declínio da magia*, e adotei a interpretação de Berger do conceito weberiano de racionalização religiosa. Argumento que essa crença no demônio tende a promover um relativo desencantamento da visão de mundo dos crentes que vieram

do catolicismo ou das tradições de matriz africana. No pentecostalismo esses experimentam uma redução da pluralidade da população de seres sobrenaturais. Os orixás, caboclos, pombagiras, almas penadas, espíritos de mortos em geral e outras entidades. São definidos igualmente como demônios que estão vinculados ao mal. Além de menos plural, o mundo sobrenatural também passa a ter princípios éticos e valores. Por um lado, há Deus e seus anjos que defendem o bem e a virtude e, por outro, Satanás e seus demônios com o mal e o pecado. Apenas a solução de problemas por meios sobrenaturais não justifica a veneração ao ser que a produziu. Passa a ser necessário saber se o evento extraordinário foi de fato uma graça de Deus ou uma armadilha do diabo. Ter fé em Deus, também passa a significar ter confiança. Embora se “saiba” que o diabo existe, não se pode dizer que “se tem fé nele” .

Em geral, quem considera os discursos sobre a ação do demônio no cotidiano como apenas “encantados” e “mágicos” o faz porque apenas os compara aos discursos seculares ou aos de religiões mais intelectualizadas e racionalizadas. Categorizações são geralmente relativas: variam em grau. Podemos entender o papel desencantador e “eticizador” (ou seja, “racionalizador” no sentido weberiano) da crença e prática da batalha contra demônios, comparando-as com as tradições afro-brasileiras e com o catolicismo popular e rural. Comparamos quando descrevemos ou analisamos fenômenos, quer tenhamos ou não consciência.

Com Maria das Dores, pesquisamos os discursos sobre demônios também na mídia evangélica pentecostal televisiva e impressa (especificamente *Folha Universal e Mensageiro da Paz*) e ainda em revistas da Renovação Carismática Católica (*Jesus Vive e é o Senhor*). Produtos dessa pesquisa foram apresentados em congressos e publicados não apenas por Maria das Dores e por mim, mas também por nossas bolsistas de Iniciação Científica que já estavam se graduando. Com efeito, entre 1993-1998, trabalhamos com um animado grupo de bolsistas de iniciação científica, entre essas, Wânia Mesquisa, Sílvia Fernandes, Gisele Reis, Natália Reis, Maria Lúcia Tauil Bernardo, Patrícia Moreira entre outras, e ainda uma bolsista de aperfeiçoamento, Maria José Soares. Todas as citadas fizeram mestrado e cinco fizeram doutorado e se tornaram professoras e pesquisadores em universidades.

Enquanto realizava esses projetos, ingressei na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). De início era professora visitante, depois prestei concurso e pedi demissão da UFF, mas continuava com os mesmos projetos

de pesquisa. Fazia campo com católicos da RCC em Niterói e lá encontramos um grupo reunido em torno de crianças que diziam ver Nossa Senhora. Com nossa equipe de pesquisa, fui a uma dessas aparições no bairro de Santa Rosa. Registro esse evento porque, anos depois, voltei a essa pesquisa sobre a qual falarei adiante.

Além do convite para ser professora visitante na UERJ, em 1994 fui chamada para participar da equipe do projeto de pesquisa sobre evangélicos no Rio de Janeiro, “O Novo Nascimento”, coordenado pelo professor Rubem César Fernandes do Núcleo de Pesquisa do ISER. Além de caracterizar o perfil da população evangélica, essa pesquisa buscava conhecer as diferenças denominacionais, tanto em relação à vida religiosa, crenças e práticas rituais, quanto a atitudes e valores na política e na família. Durante esse trabalho conheci várias pessoas, mas destaco especialmente Clara Mafra que se tornou grande amiga, coautora, e também colega de trabalho na UERJ. Os dados dessa pesquisa geraram um livro coletivo (*O Novo Nascimento*, 1998) também meu texto “A Opinião dos Evangélicos sobre o Aborto” e ainda um artigo com Clara Mafra, (“Family and Reproduction among Protestants in Rio de Janeiro”) no livro organizado por Christian Smith; Joshua Prokopy. *Latin American Religion in Motion* (New York: Routledge 1999).

O pentecostalismo também despertava interesse da igreja católica e o Centro de Estatística Religiosa e Informação Social (CERIS), órgão de pesquisa ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que era sediado no Rio de Janeiro, conseguiu recursos para uma pesquisa comparando rituais e discursos dos católicos da Renovação Carismática com os das CEBs e com os dos pentecostais, tanto os tradicionais como os da Igreja Universal. Para desenvolver esse trabalho, Rogério do Valle, que coordenava o setor de pesquisa do CERIS, convidou Luís Roberto Benedetti, professor da PUC de Campinas e autor de tese que comparava CEBs e RCC, e a mim, e o trabalho se iniciou em fins de 1994.

Benedetti e eu propusemos que o estudo acima adotasse metodologia qualitativa e fosse realizado em Campinas e no Rio de Janeiro, cidades na quais cada um de nós já tinha feito pesquisa e poderia acompanhar cotidianamente o trabalho. Além de comparar os quatro grupos religiosos em duas cidades, decidimos em cada cidade comparar grupos de bairros de camadas médias com os de áreas mais pobres como favelas. Com a equipe de pesquisadores, realizamos, portanto, estudos de caso em grupos de RCC, CEBs e em igrejas pentecostais e neopentecostais de camada média

e de baixa renda em Campinas e no Rio de Janeiro. Um fenômeno que nos chamou atenção na pesquisa foi a força do crescimento da RCC nas camadas populares em geral. Já observávamos isso com Maria das Dores, mas nesse projeto ficou mais evidente pela amplitude do campo. Em Campinas notou-se também o surgimento das novas comunidades criadas por líderes da renovação carismática; anos depois essas comunidades se tornaram um tema importante de minhas pesquisas. Além de uma publicação do CERIS com os dados da pesquisa, essa experiência resultou na criação de laços entre algumas das participantes, muitas se tornaram minhas orientandas em algum momento, e coautores em outros, e amigas sempre, entre essas, destaco, Andrea Damacena Martins, Katia Medeiros, Sílvia Fernandes, Brenda Carranza e Roziclêa Nascimento.

Nos anos seguintes minhas pesquisas passaram a estar vinculadas basicamente à UERJ, onde, como já comentado anteriormente, entrei como visitante em 1994 e depois como concursada em 1995. A seguir, antes de falar sobre as pesquisas ali realizadas, explico minha motivação para mudar para UERJ e comento as atividades de ensino e outras que tenho desenvolvido aqui desde então.

A minha principal motivação para vir trabalhar na UERJ era a ideia de ser parte de uma pósgraduação que possuía uma linha de pesquisa em religião. O caráter interdisciplinar do Programa de Pósgraduação em Ciências Sociais (PPCIS) era um atrativo especial para mim. O tema religião tem sido, no Brasil em geral, mais estudado e debatido por antropólogos do que por sociólogos. Com efeito, a linha de pesquisa em religião tem, até hoje, uma maioria de colegas com doutoramento em antropologia.

Em termos de atividades de ensino na UERJ passei a ministrar disciplinas, tanto obrigatórias como eletivas na graduação, no PPCIS e na Especialização em Sociologia Urbana. Na graduação em Ciências Sociais cheguei a oferecer quase todas as teorias, da área de sociologia e já ofereci duas obrigatórias da área de metodologia. Também ministrei disciplinas para cursos de fora de nosso departamento, entre esses Comunicação, Filosofia, Serviço Social, Enfermagem e Psicologia.

Na pósgraduação ofereci disciplinas obrigatórias, mas com frequência tenho ministrado cursos vinculados à linha de pesquisa em religião. Tive oportunidade de preparar cursos em conjunto com outros colegas. Durante os dez primeiros anos no PPCIS ofereci as disciplinas na época obrigatórias, Teoria Social I e Teoria Social II, ora sozinha ora compartilhando com colegas, como Luis Rodolfo Vilhena, Marcia Contins, Myrian Sepúlveda.

Estava ministrando um curso com Luís Rodolfo, no primeiro semestre de 1997, quando ele sofreu o acidente que o vitimou. Foi um choque, ficamos todos muito abalados.

Em 1997, dois anos depois de meu ingresso na UERJ foi criado o “Prociência”, programa que tem incentivado muito a pesquisa em nossa universidade. Meu primeiro projeto Prociência, também apoiado pelo CNPq, continuava a comparação do uso da mídia por católicos e evangélicos, que vinha desenvolvendo com Maria das Dores Machado. A presença destacada da RCC e dos pentecostais na mídia televisiva sugeria uma afinidade eletiva entre o tipo de espiritualidade desses grupos e a linguagem televisiva. Com o apoio de bolsistas do PIBIC da UERJ (muitos que depois entraram na pós graduação como Marcela Serrano, que concluiu seu doutorado e é professora do CEFET e Paulo Batista, aprovado para doutorado/2018 no IFCS) e bolsistas de Aperfeiçoamento, estudei a grade de programação e o surgimento da emissora católica “Rede Vida de Televisão” e também a extinta evangélica “Vinde TV”. Publiquei sobre o tema um artigo na revista *Antropologia e Imagem*, e um capítulo no livro *Religião e espaço público* (organizado por Patrícia Birman 2003). Discutia nesses textos como a igreja católica no Brasil reviu sua inicial rejeição a se vincular a um canal de televisão e, que apesar de todo apoio dessa igreja, a Rede Vida não se dizia um canal católico, mas “o canal da família”. Também procurei entender as diferenças entre a Rede Vida e Vinde TV. Essa análise me fez pensar que se Weber tivesse conhecido o sistema televisivo (com seus apresentadores, atores), tal como conhecemos no Brasil hoje, poderia ter incluído os meios de comunicação de massa no texto “Rejeições do mundo e suas direções” como mais uma esfera que tanto poderia concorrer com a religião, quanto reforçá-la.

Com essa equipe de pesquisa, fizemos também um levantamento do perfil social e religioso dos estudantes de ciências sociais no ano de 1998. Com dados digitados, fizemos análises preliminares, mas os arquivos digitados no excel se perderam. Dessa pesquisa temos publicado apenas uma reportagem de uma jornalista que registrou os percentuais encontrados. Tenho ainda os questionários, espero conseguir de novo digitá-los para comparar esses dados de 1998 com os atuais. No entanto, uma reflexão, anterior a essa coleta de dados, sobre o perfil sócio-econômico de estudantes da UERJ inspirou um texto que escrevi com dois orientandos na época, Silvia Fernandes (cursando seu mestrado) e Roberto Batista (bolsista de Aperfeiçoamento do CNPq), sobre os universitários que cresceram e

viviam em favelas. Já comentei anteriormente (ao falar do uso do conceito “salutogênese” de Antonovsky) sobre esse artigo que foi publicado com o título “Os Universitários da Favela” na coletânea *Cem anos de favela* de Zaluar e Alvito (1998).

A mídia religiosa e sua afinidade com a espiritualidade pneumática inspiraram a proposta que apresentei ao CNPq para pós-doutoramento na École de Hautes Études de Sciences Sociales (EHESS), Paris/França (1999-2000). Nessa estadia, conheci melhor o trabalho de Danièle Hervieu Léger e os integrantes do centro que dirigia (*Centre d'Études Interdisciplinaires du Fait Religieux/CEIFR*) e também os estudos da equipe do *Institute de Recherche sur les Sociétés Contemporaines* (IRESCO). Nesse instituto tive contato especialmente com Martine Cohen, que tinha realizado estudos sobre Renovação Carismática Católica, e Françoise Champion, que estudou por muitos anos religião e emoção, dedicando-se posteriormente à sociologia da saúde. A antropóloga Marion Aubrée, que tem ampla pesquisa sobre religião, foi outro contato importante e ótima interlocutora. Marion também organizava eventos sobre o Brasil no *Centre de recherches sur le Brésil contemporain* (CRBC) na EHESS, onde conheci pesquisadores franceses e também brasileiros de todas as partes do Brasil, entre esses doutorandos que faziam pesquisa sobre religião, como Lívia Fialho e Mísia Reesink da Bahia.

Também nesse período tive oportunidade de ir à Universidade de Cambridge/Reino Unido, a convite de David Lehmann, para dar uma palestra sobre o demônio e os pentecostais no Brasil. Também participei de duas bancas de doutorado, uma, a de Marjo de Theije, na Universidade de Utrecht, na Holanda, e a outra na de Grénoble, França.

Os estímulos e leituras nesse período me levaram a ampliar os objetivos de meu projeto de pós-doutoramento para além do entendimento da mídia religiosa. Procurei pensar como a crescente importância da mídia na igreja católica estaria revelando um reordenamento interno do campo católico brasileiro. O interesse de vários pesquisadores da França sobre o que se passava com as CEBs e ainda algumas palestras sobre catolicismo francês e aparições da Virgem na sociedade contemporânea (como, entre outras, a de Elisabeth Claverie sobre aparições em Medjugorje) me levaram a formular, no meu retorno ao Brasil, projetos sobre a dinâmica interna ao campo católico. O contato e trocas com Mísia Reesink, que, como já mencionei, fazia seu doutorado na EHESS, me estimularam, na volta ao Brasil, pesquisar os relatos das aparições da Virgem de Niterói e sua relação

com a RCC no Brasil. Posteriormente essa pesquisa gerou artigos, e ainda a organização, com Carlos Steil, e a própria Mísia, de um livro cujos capítulos tratavam de aparições da Virgem em distintas partes do Brasil, *Maria entre os vivos* (2003).

A partir do ano 2000 e até o de 2009, meus projetos tinham como foco o catolicismo no Brasil: seus novos rumos, o crescimento e transformação da RCC e as “novas comunidades católicas”. A primeira dessas pesquisas buscou comparar católicos da RCC e com os dos grupos mais vinculados à teologia da libertação. Nesse projeto contei com a colaboração não apenas de Maria das Dores Machado (que estava já na Escola de Serviço Social ou ESS, UFRJ), mas também de Marjo de Theije (que era professora da Vrije Universiteit de Amsterdam). Marjo passou um ano sabático em Pernambuco coletando, como eu fazia no Rio de Janeiro, dados entre os católicos carismáticos e os da libertação. Por meio dessa parceria publicamos posteriormente um artigo na *Latin American Research Review* (2008) sobre como esses dois tipos de catolicismo lidam com as tensões entre culturas local e global. Minha primeira orientanda de doutorado, Andrea Damacena Martins, realizou estágio “sandwich” com Marjo na Vrije Universiteit de Amsterdam (VUA). Dessa experiência começou a ideia de um convênio entre UERJ e VUA que voltarei a mencionar adiante.

Com Maria das Dores Machado também voltei pesquisar sobre catolicismo “da libertação” quando, a convite de Carol Drogus, analisamos entrevistas com mulheres que eram das CEBs na época da pesquisa de doutoramento de Carol Drogus e que tinham sido entrevistadas por ela para sua tese de doutoramento cerca de dez anos antes. Queríamos saber se essas mulheres ainda eram de CEBs e o que faziam e pensavam depois de tantos anos e tantas mudanças na igreja católica brasileira. Observou-se que quase todas estavam afastadas da política, das CEBs e da militância no catolicismo da libertação. Havia as que participavam de ONGs, algumas aderiram a uma espiritualidade alternativa (do estilo Nova Era), mas essas se distinguiram de outras que tinham optado pelo catolicismo carismático. Essa pesquisa resultou em um artigo com Maria das Dores (publicado na revista *Praia Vermelha* (2000), e capítulos, com autoria também de Carol Drogus, no livro *Activist Faith* (2005), dessa última com Hannah Stewart Gambino.

Pesquisar a pluralidade interna do catolicismo me fez voltar a refletir sobre sincretismo e barganhas cognitivas nessa igreja, e retomar o diálogo com Sanchis, como pode ser visto nos textos “De vuelta al baile del

sincretismo: un dialogo con Pierre Sanchis". (*Ciencias Sociales y Religión*, v.7:189 - 202, ano 2005) e no "Catolicismo no Brasil Contemporâneo: Reavivamento e Diversidade" (publicado em 2006 na coletânea organizada por Faustino Teixeira e Renata Menezes). No primeiro texto, que inicialmente foi apresentado em uma mesa de uma das "Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina" sobre a contribuição de Pierre Sanchis, retomo a ideia do sincretismo como inevitável e presente em todas religiões e culturas. No segundo sugiro, entre outros argumentos, que as "barganhas cognitivas" com a modernidade poderiam ser consideradas também modalidades de sincretismo e que essas barganhas seriam responsáveis por teologias mais "racionais" ou racionalizadas (no sentido weberiano) com relativo poder desencantador como as da "libertação" e da "inculturação".

Procurei aprofundar essas reflexões sobre "teologia da inculturação" e sua proximidade com a teologia da libertação e ainda com a prática e discursos dos católicos identificados com essa teologia no Brasil no artigo que publiquei com Marjo de Theije em 2008 (já citado) e em outro com Maria das Dores Machado (*À propos de l'inculturation dans le catholicisme brésilien contemporain. Social Compass*, v.55: 290 - 303, 2008). Apontávamos nesses trabalhos que a chamada "inculturação" da fé para os católicos de uma parte do mundo levaria a uma relativização do peso da cultura e assim a uma potencial "desinculturação" de católicos de outra parte e com outra cultura. Essa desinculturação ocorreria especialmente entre os líderes e missionários: somente com essa "desinculturação", real ou em potencial, o catolicismo continuaria unificado em uma única igreja. Esse processo de desinculturação seria similar à racionalização religiosa levando a uma ampliação do desencantamento e maior ênfase na ética. Não interpreto que esse tipo de análise crítica seja negativa ou que vá contra esse tipo de teologia.

Nesse período meu interesse pela diversidade e tensões dentro do catolicismo e a opção metodológica por comparações entre grupos católicos foram compartilhados por alguns orientandos⁷. A comparação com outros grupos, especialmente evangélicos, mas também com os não cristãos, contudo, continuava sendo um recurso que usei frequentemente para entender as especificidades católicas. Em artigos e capítulos de livros com Maria das Dores Machado publicados nos anos 2003, 2004, 2006, 2007

⁷ Por exemplo, as teses de doutorado de Andrea Martins Damacena (2004), Sílvia Frenandes (2004) e João Marcus Assis Figueredo (2008).

comparamos católicos e evangélicos quanto a suas atitudes em relação a gênero, política e trabalho social. Portanto, não deixei de refletir sobre evangélicos e procurei também estudar grupos não cristãos, como foi o caso do islamismo (mais adiante comentarei sobre a pesquisa que realizei sobre islamismo nesse mesmo período com Vitória Peres).

Estudando a RCC e sua diversidade interna, me surpreendi com a multiplicação das chamadas “novas comunidades” (identificadas no Brasil por Brenda Carranza em Campinas e também estudada pela orientanda de mestrado Eliane Martins). Passei vários anos estudando essas comunidades que se revelaram espaço privilegiado para geração de lideranças religiosas e vocação para o sacerdócio. Além disso, muitas dessas comunidades agenciam missões dentro e fora do país. Também se destacam por sua evangelização através das mídias eletrônicas, TV, rádio e internet, e por suas obras sociais. A coleta de dados foi possível graças a uma equipe de bolsistas de Iniciação Científica formada por estudantes muito talentoso, criativos, curiosos, e muito alegres, entre esses Paulo Victor L Lopes, Debora Minuzzo, Patrícia Borges, Janine Targino, Walace Ferreira e Rosiane Silva (que depois teve bolsa de Aperfeiçoamento). Nessa pesquisa conhecemos mais a Toca de Assis que inspirou artigos com Paulo V. Lopes, em 2009 e depois com Katia Medeiros, em 2012. Orientei as monografias de muitos desses estudantes e vários deles fizeram mestrado e já são doutores hoje em dia, Janine Targino, por exemplo, continuo como minha orientanda no PPCIS onde fez mestrado e doutorado, hoje é professora na pósgraduação da Universidade Cândido Mendes (IUPERJ).

Nos anos seguintes produzi vários textos sobre essas comunidades, dentre os quais os artigos “Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião” (revista *Tempo Social* v.17: 253 - 274, 2005), “Insatisfações com a família e sociedades contemporâneas: uma comparação entre comunidades católicas e New Age” em coautoria com Glaucia Buratto de Melo (*Estudos de Sociologia (UFPE)*. v.13: 2007), capítulos de livros e em especial a coletânea, *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*. (2009) com Brenda Carranza e Marcelo Camurça. Nossas pesquisas, como também as dos outros autores que publicaram nessa coletânea, apontavam uma atração de jovens pela vida nessas comunidades. Observamos ainda uma tendência à radicalização doutrinária numa direção mais conservadora e ortodoxa, e projetos de expansão global. Nesse sentido havia similaridades entre esse tipo de catolicismo e algumas experiências islâmicas no Brasil que vinha estudando com Vitoria Peres (UFJF), como comentarei posteriormente.

Além das missões internacionais, as novas comunidades têm promovido turismo religioso, dessa forma, seu estudo permitia refletir sobre fluxos globais e religião, questão que se tornou importante em minha produção nos anos seguintes. Sobre esse tema publiquei o texto “Missão religiosa e migração: ‘Novas Comunidades’ e igrejas pentecostais brasileiras no exterior”, em 2009, na revista portuguesa *Análise Social* (Lisboa). , v.XLIV: 61 - 188, e também em 2013, com Brenda Carranza, “Catholicism for export: The case of Canção Nova” In: ROCHA, C; VASQUEZ, M. (Org.). *The Diaspora of Brazilian Religions*. 1ed.Herndon, VA: Brill, 2013, v. , p. 137-162.

Motivada por Vitória Peres (UFJF) e em colaboração com ela, passei a estudar o Islamismo. Iniciamos nosso trabalho nos meados do ano 2000, portanto, um ano antes do “11 de setembro”. Vitória me convenceu o islamismo no Brasil com a ideia de comparar conversão ao islamismo com ao pentecostalismo, ela também chamava atenção para a falta de pesquisas no Brasil (naquela época) sobre uma religião que crescia muito no mundo. Os estudos da década de 1970, coordenados por Cândido Procópio Camargo, revelavam no Brasil um islamismo restrito à comunidade migrante e seus descendentes, de forma que esse autor considerava que, em nosso país, essa religião universalista tinha se tornado “quase étnica” (observava o mesmo ocorria com o luteranismo naquele período). Mas essa situação se transformava nos finais dos anos de 1990, como mostravam reportagens jornalísticas sobre presença do islamismo fora daquela comunidade étnica.

Até o início de 2006, Vitória e eu fizemos pesquisas nas comunidades islâmicas do Rio de Janeiro e de São Paulo, entrevistando líderes e conversos, assistindo rituais e lendo material de divulgação. Além dos novos fiéis de fora da comunidade étnica, observamos que havia em São Paulo dois *sheiks* nascidos no Brasil e formados na Arábia Saudita desenvolvendo atividades com jovens e se dedicando ao que chamavam “divulgação do Islã” (usavam o termo “divulgação” e faziam questão de dizer que não realizavam proselitismo e não buscavam conversos). A existência de sheiks brasileiros era uma novidade daquela época, até então os *sheiks* era estrangeiros e, em geral, nem sabiam português. Os trabalhos que Vitória e eu elaboramos tratavam assim da nova forma do islamismo se colocar na sociedade brasileira. A crescente demanda de estudos sobre islamismo estimulou nosso estudo. Como já mencionei, tínhamos planos de desenvolver comparações, não apenas com a conversão ao pentecostalismo, mas também com grupos católicos, que estudava na época, comparando discursos sobre rupturas

com a sociedade mais ampla, usos da mídia, formas de mobilizar jovens e mulheres. A morte prematura de Vitória em 2006 interrompeu esses planos. Apesar de relativamente curto período de colaboração, Vitória e eu escrevemos vários artigos, quase todos apresentados em congressos e alguns publicados.

Por vários anos, não conseguia voltar aos nossos textos. Participei de bancas sobre o tema e acompanhava a literatura, mas não conseguia focar novamente no que estávamos escrevendo. Apenas em 2012 com convite de Paul Freston para escrever um capítulo sobre Islamismo para um volume sobre religião na América Latina, voltei a trabalhar no tema (foi capítulo intitulado “Islam in Latin America” publicado no livro *The Cambridge History of Religion in Latin America* publicado em 2016). A atualização da bibliografia, que fazia para o texto solicitado por Paul Freston, me estimulou a retomar ideias e um texto que tinha escrito com Vitória sobre conversão ao islamismo. Revi esse artigo retraindo argumentos e atualizando bibliografia e publiquei “A Adesão ao Islã: o discurso da ruptura e da continuidade” na revista *Antropológicas* em 2014.

Em 2003, a parceria com Marjo de Theije resultou em um convênio internacional entre a UERJ e a Vrije Universiteit, Amsterdam (VUA). De início nosso convênio, que foi batizado de “Paulo Freire” pela equipe holandesa em homenagem ao educador brasileiro, integrava, além da UERJ e da VUA, outras três universidades brasileiras, a UFRGS, a UFPE e a UFMG. Entre os produtos desse convênio, destaco os intercâmbios discentes, a organização de três eventos ocorridos na UFRGS, na VUA, e na UERJ e ainda publicações de dois dossiês em revistas distintas e de newsletter online.

O primeiro evento, que ocorreu na UFRGS, reuniu apenas integrantes das universidades conveniadas. Nesse momento se procurou que os integrantes de cada grupo das diferentes universidades conhecessem a produção uns dos outros. Também aí foi definido um eixo ou foco temático que unisse os projetos em andamento dos diferentes pesquisadores. Esse eixo foi identificado como a relação entre a religião e fluxos e deslocamentos contemporâneos na sociedade global, especificamente o fluxo da periferia para o centro. Dois foram os resultados desse encontro. O primeiro foi a proposta de um número bilingue na revista *Debates do NER*, com artigos que discutiam a produção nas ciências sociais sobre religião em cada universidade participante do “Paulo Freire”. Nesse número publicado em 2007, há um artigo de Clara Mafra e meu, no qual analisamos as pesquisas

sobre religião realizadas por professores e estudantes do PPCIS/UERJ (Mafra e Mariz 2007). O segundo foi a ideia de se propor um projeto ao edital universal do CNPq que permitisse reflexão coletiva e troca entre as distintas pesquisas envolvidas no convênio a partir do eixo temático definido. Portanto, para apoiar esse conjunto de pesquisas vinculadas ao convênio, concorri a um edital universal e obtive recursos que gerenciei durante os anos de 2005-2007.

Nesse eixo de pesquisa, procurei refletir sobre fluxos missionários de igrejas cristãs a partir de países que eram objetos de missão no passado, estudando o caso específico brasileiro. Procurava também comparar discursos de grupos evangélicos com os de católicos que realizavam missões no exterior (questão sobre a qual trabalho ainda desde então). Resultados parciais de pesquisas desenvolvidas nesse projeto foram apresentados no evento realizado na UERJ, em 2006. Para esse evento convidamos também outros pesquisadores brasileiros e estrangeiros, que trabalhavam no tema, mas que não necessariamente eram das universidades conveniadas. Vários dos trabalhos desse evento formaram um dossiê publicado na revista *Religião e Sociedade* v.28 (1) Clara Mafra e eu fomos as editoras desse número da revista publicado em 2008.

Através da amiga e colega da UERJ. Clara Mafra. e Aparecida Vilaça (PPGAS - Museu Nacional da UFRJ) conheci em 2009 Joel Robbins que esteve na UERJ para uma apresentação sobre seus argumentos do que chamava de “antropologia do cristianismo”. Robbins chamava atenção para os problemas que dificultavam o entendimento do cristianismo pela antropologia, impedindo muitos antropólogos de perceberem que a adesão ao cristianismo poderia criar rupturas, mudanças tanto na vida pessoal quanto social. Para ele, a antropologia somente poderia entender o cristianismo se aceitasse reconhecer rupturas e mudanças culturais. Identificava na atitude e sentimento negativo por parte dos antropólogos em relação à cultura ocidental cristã um dos responsáveis pelos problemas da antropologia no entendimento do cristianismo. Suas reflexões sobre mudanças e conversão tinham afinidade com o que argumentei em minha tese e meus outros trabalhos. Maria das Dores e Clara Mafra também se identificaram com o projeto antropológico de Robbins e ficamos interessadas em continuar o diálogo e troca com ele. Daí naquele ano mesmo decidimos com Aparecida Vilaça, do Museu Nacional, convidar Robbins para dois eventos que ocorreriam (e ocorreram de fato) no ano seguinte (2010). O primeiro no Museu Nacional foi organizado por Aparecida enquanto o

segundo, organizado por Maria das Dores, Clara e Diana Lima, teve lugar na Escola de Serviço Social/UFRJ. Motivada por esses eventos, convidei Robbins para uma visita acadêmica solicitando APV Faperj, assim tivemos recursos para trazê-lo de volta ao Rio.

No encontro da Escola de Serviço Social, coordenado por Maria das Dores Machado, foram convidados também outros pesquisadores de fora do Rio de Janeiro e do Brasil. Os trabalhos desse encontro foram publicados na revista *Religião e Sociedade* vol.32 (2) dezembro de 2012, que Clara Mafra e eu editamos.

Também participou desses eventos Roberta Bivar C. Campos (UFPE), que tinha feito seu pós-doutoramento com Simon Collins e também compartilhava interesse pela abordagem de Robbins. Nessa ocasião planejavamos escrever um texto que dialogava com antropologia do cristianismo. Um ano depois publicamos o artigo intitulado *Pentecostalism and National Culture; a Dialogue between Brazilian Social Sciences and the Anthropology of Christianity* na revista *Religion and Society: Advances in Research*, v. 2 (Mariz e Campos, 2011) Nesse texto adotávamos a perspectiva da antropologia do cristianismo para fazer um balanço crítico da produção sobre evangélicos pentecostais no Brasil. Também discutíamos a própria antropologia do cristianismo, concluindo que o foco na ruptura ou na continuidade dependeria do objetivo do trabalho, podendo ser interpretado assim como uma opção metodológica. Identificamos ainda similaridades entre algumas propostas de Robbins e a teoria weberiana. Roberta Campos e eu retomamos ideias desse artigo sobre a produção brasileira em capítulo no livro *Rumos da Antropologia no Brasil e no Mundo: geopolíticas disciplinares*, publicado em 2014.

Antes desses textos serem publicados, ainda reencontrei Joel Robbins na Universidade da Califórnia San Diego, quando me convidou para dar uma palestra sobre o artigo que escrevi com Marjo de Theije já comentado (o publicado na *Latin American Research Review*, v.43). Essa minha apresentação ocorreu quando Clara Mafra fazia seu pós-doutoramento com Robbins, em San Diego. Também nos reencontramos no congresso das “Jornadas sobre as alternativas religiosas”, que ocorreu em Porto Alegre (2013). Robbins pediu que comentasse seu texto publicado na *Debates do NER* no ano seguinte (Mariz, 2014).

A troca com Robbins inspirou Clara a criar o Grupo de Estudo do Cristianismo (GEC), registrado no diretório do CNPq e cadastrado na UERJ. No PPCIS, uma das atividades do grupo tem sido organizar palestras regulares com pesquisadores sobre cristianismo. Clara mantinha viva a

reflexão no grupo organizando sempre eventos, alimentando e ampliando a rede de troca e contato entre pesquisadores da área. Assim conseguiu construir, entre seus orientandos, alunos e ex-alunos, um sentimento de união e identidade que ainda é forte. Além do grupo amplo registrado no CNPq, havia um grupinho unido e ativo na UERJ formado por seus orientandos, Claudia Swatowski, Bernardo Brito, Sérgio Prates, Bruna Lasse, Livia Reis entre outros. Esse grupinho sofreu muito com a doença e falecimento de Clara (em julho de 2013), mas se uniu em seu projeto e tem me ajudado muito a manter o GEC vivo e atuante no cotidiano da UERJ. Muitos deles agora já concluíram suas teses e dissertações, e continuam no grupo. Cláudia Swatowski, que esteve como pós doutora na UERJ com bolsa Faperj até 2016 e agora é professora em Uberlândia na UFU, tem sido fundamental na manutenção do GEC. Clara partiu, mas deixou viva essa rede que une vários pesquisadores em diferentes partes do país: Roberta na UFPE, Brenda Carranza em PUC Campinas, Cláudia Swatowski em UFU, Sérgio Prates no Rio de Janeiro, Andreia Vicente na UniLab, Foz do Iguaçu entre muitos outros.

Retomei meus estudos comparativos entre carismáticos e pentecostais em 2010 quando Paul Freston (Wilfrid Laurier University/Canadá) nos convidou (a Maria das Dores Machado e a mim) para coordenarmos com ele uma pesquisa sobre os discursos de lideranças pentecostais e carismáticas brasileiras. O projeto era financiado pelo *Pentecostal and Charismatic Research Initiative* (PCRI), vinculado à Universidade Southern California, Los Angeles, EUA, que gerenciava fundos da Templeton Foundation. Como estava nosso projeto ficou sediado na UERJ, fiquei encarregada da coordenação operacional da pesquisa. A proposta se subdividia em três subprojetos. O primeiro era voltado para a relação desses grupos religiosos com a política, o segundo estudava seus projetos e discursos sobre missões internacionais para Europa e o terceiro tinha como foco a competição e o diálogo de protestantes pentecostais com católicos carismáticos. A pesquisa durou de agosto de 2010 até dezembro de 2012, e envolveu pesquisadores que trabalhavam dentro e fora do Brasil, entre esses Ari Pedro Oro (UFRGS), Donizete Rodrigues (Universidade da Beira Interior/Portugal) e Kachia Téchio (Universidade Nova de Lisboa), Joanildo Burity (inicialmente no Reino Unido depois em Recife na FUNDAJ/PE), Brenda Carranza (Universidade Católica de Campinas). Também integraram estudantes de doutorado e mestrado orientados pelos professores acima. Partilhei a responsabilidade de coordenação acadêmicas dos subprojetos

sobre missões com Paul Freston e o sobre a relação entre os católicos da RCC e protestantes pentecostais com Maria das Dores Machado. Entre os produtos sob minha responsabilidade dessa pesquisa, destaco a publicação de artigo que compara discurso de líderes evangélicos e os da RCC sobre ação social na *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (Mariz, 2016), e também a elaboração de artigos ainda não publicados, mas já apresentados em congressos e eventos, com Brenda Carranza. Nesses textos apontamos para as semelhanças entre os discursos dessas lideranças que, ora competem, ora se aliam. No primeiro texto, destaco como a ação social para recuperar dependentes de álcool e droga tende a ganhar importância nos discursos desses líderes que defendem a necessidade da religião assumir esse tipo de ação. Os entrevistados argumentavam que a medicina tem fracassado na solução desse tipo de problema e concluem que a religião deve ocupar espaço onde a ciência falha..

Esse projeto vinculado ao PCRI proporcionou a organização de dois eventos na UERJ e dois outros fora do Rio de Janeiro. O primeiro evento na UERJ foi dedicado à análise dos discursos políticos. Contou com apresentações de Paul Freston, Joanildo Burity e Maria das Dores Machado e comentários de Patrícia Birman. Em março de 2012, promovemos o segundo evento da UERJ que, além da participação de Paul Freston, Maria das Dores Machado e Brenda Carranza, contou com a presença de José Casanova do departamento de sociologia da Georgetown University e diretor do *Berkley Center's Program on Globalization, Religion and the Secular*, EUA. Casanova debateu nossa pesquisa e também fez uma palestra no PPCIS sobre religião e globalização.

Os outros integrantes desse projeto também organizaram eventos em cidades que tinham também significado para a própria pesquisa. Um evento foi em Campinas, primeira cidade onde se instalou a RCC no Brasil, e outro em Lisboa para onde iam vários missionários estudados. Nesses eventos que ocorreram fora do Rio, Ari Pedro Oro se juntou aos outros pesquisadores da equipe dos dois eventos da UERJ. Em Lisboa contamos também com pesquisadores da equipe da Europa (Inglaterra e Portugal). O evento de Campinas foi organizado por Brenda Carranza e o de Lisboa por Kachia Tecchio.

A equipe do PCRI da Southern University of California também organizou eventos para reunir todos os que receberam financiamentos daquele programa. Em 2012 fui a Nairobi a um desses eventos e conheci coordenadores dos demais projetos financiados no mesmo período que

o nosso. O PCRI apoiava pesquisas na Rússia, na Ilha de Fiji, na África (Nigéria e Quênia), na Indonésia e na América Central (Guatemala e El Salvador). Também tive oportunidade de conhecer um pouco da África e visitar reuniões de católicos carismáticos e conhecer missões de padres católicos indianos no Quênia.

A partir de 2009 e 2010 meus projetos para o CNPq e também para o Programa Prociência da UERJ voltaram a incluir evangélicos. Voltei a trabalhar com dados sobre evangélicos no censo com Clara Mafra e Paulo Gracino Souza Jr (que foi meu orientando e se tornou professor na Universidade Cândido Mendes). Escrevi um texto com Paulo Gracino Jr para o livro sobre o censo organizado por Faustino Teixeira e Renata Menezes, *Religiões em movimento: o censo de 2010*, publicado pela Vozes em 2013. Nesse texto intitulado “As igrejas pentecostais no censo de 2010” e também no artigo comentando o trabalho de Clara na revista *Debates do NER*,¹⁴ publicado em 2013, discutimos a tendência crescente dos evangélicos não se identificarem por igrejas quando questionados “qual sua religião ou culto?”. Chamava atenção que a igreja católica se destaca das igrejas protestantes porque tende a ser identificadas também como religião. Sugeriria que é um *bias* católico assumir que a resposta à questão acima de incluir a declaração da igreja a que se pertence. Além disso, levantava questões sobre se o fato de membros de igrejas distintas se declararem igualmente como “evangélicos” seria o sinal de um crescente ecumenismo no campo protestante brasileiro com maior aproximação entre os pentecostais e os protestantes históricos.

As questões que discutia nesses artigos acima, como também aquelas analisadas no projeto que coordenei sobre as relações entre pentecostais e católicos carismáticos, se relacionavam à pesquisa sobre ecumenismo e alianças e disputas no mundo cristão. Para a realização dessa pesquisa contei com a colaboração do estudante Carlos Henrique de Souza, que realizava dissertação de mestrado sobre pentecostalização, ou carismatização nas igrejas históricas, focando o caso da igreja metodista. Tendo defendido sua dissertação em 2013, Carlos Henrique cursa atualmente doutorado no PPCIS. Com ele publicamos artigo em 2015 *Contemporânea*, revista de sociologia da Universidade de São Carlos, intitulado “Carismáticos e pentecostais: os limites das trocas ecumênicas”.

A relação entre religião e saúde esteve sempre presente em minhas preocupações de pesquisa. Tal como já comentei anteriormente no caso da dependência a bebidas alcoólicas, a doença aparecia nos discursos de

pessoas de diferentes tradições religiosas, especialmente os pentecostais, relacionada a ações do demônio. Em vários trabalhos discuti direta ou indiretamente a questão da saúde e resistência a doenças. Fiquei contente, portanto, quando uma professora de psicologia da UFPE, colega e amiga de longa data, Rosinha Barbosa me procurou para orientá-la em seu pós-doutoramento sobre “Implicações da religiosidade/espiritualidade no desenvolvimento de comportamentos resilientes”. Seu pós-doutorado foi concluído em 2011. Nos anos que se seguiram, retomei o tema, inicialmente orientando a tese de Janine Targino sobre casas religiosas de recuperação de dependência a álcool e drogas.

Mais tarde, já em 2013, a convite de Eduardo Faerstein do Instituto de Medicina Social coorientei Ana Paula Nogueira Nunes, sua estudante de doutorado. O trabalho com Ana Paula e seu orientador resultou em um artigo em coautoria entre Nunes, Mariz e Faerstein, publicado na revista *Dados* em 2016 que identificou relação entre a declaração de mudança de religião e autopercepção de saúde na amostra do banco de dados do projeto Pró-Saúde (EPS) coordenado por Eduardo Faerstein. Outro achado interessante nessa pesquisa foi a grande proporção de espíritas kardecistas e de pessoas que se declaravam “sem religião” nessa população: 13% e 12% respectivamente, aproximadamente o dobro dos pentecostais que nessa amostra eram apenas 6%.

Atualmente estou envolvida em dois projetos que tratam de religião e juventude. Em 2013, junto com Paulo Gracino Jr e um grupo de pesquisadores de diversas instituições apresentamos projeto para o edital temático da FAPERJ. Aproveitando a realização do evento católico “Jornadas Mundiais da Juventude” ou JMJ no Rio de Janeiro, o grupo propôs realizar *survey* com os participantes. Também para fins comparativos se buscou realizar outros dois *surveys* com questões similares em eventos de massa que ocupam ruas do Rio de Janeiro de forma regular a cada ano, a “Marcha para Jesus” e a “Caminhada pela Diversidade Religiosa”.

Esse projeto, como também os resultados das pesquisas sobre novas comunidades e experiências em missões e de ecumenismo, me convenciam cada vez mais da importância da juventude dentro de projetos religiosos. Os jovens se destacam entre os que se tornam missionários, entre os mais radicais, e também entre os mais ecumênicos. Em 2018 ainda procuro ampliar reflexões sobre juventude e cristianismo nos projetos em curso apoiados pelo CNPq e pelo programa Prociência. Vinculadas à questão da juventude e a esse meu projeto orientei as teses de doutorado de Ronald A.

Lira (2015), Alexander Magalhães (2017) e as dissertações de mestrado de Igor Accioly (2015) e Jessica Machado (2017)⁸. Esse tema é também central nas teses de Luciana Gonzalez (2016) e Katia Medeiros (2012).

Tanto a minha pesquisa nesse período (Prociência e CNPq) quanto o projeto, que me levou a passar um ano (agosto de 2015 a agosto de 2016) na New York University (NYU), com bolsa Estágio Sênior da Capes, propunham o estudo da relação juventude e religião. No entanto, o projeto do Estágio Sênior pretendia também retomar contatos acadêmicos, dentre esses, o meu ex-orientador, Peter Berger, e concluir textos pendentes. Reencontrei meu ex-orientador em 2015 e 2016, conversamos várias vezes por telefone e fiz duas visitas a ele em Boston. Na última dessas visitas, em agosto de 2016, pude juntamente com Renata Menezes entrevistá-lo, como comentei anteriormente. Fiz novos contatos, não apenas em New York, mas também em Chicago. Fui convidada pelo departamento de estudos da religião da DePaul University em Chicago para dar uma palestra sobre meus estudos comparando pentecostais e católicos carismáticos no Brasil, em evento sobre catolicismo. Também me pediram para avaliar os trabalhos de estudantes que foram apresentados naquele evento. Além de comentar esses trabalhos, participei de um júri para selecionar o melhor para uma premiação.

Recentemente pesquisando os jovens que participaram da JMJ do Rio de Janeiro da “Marcha para Jesus” (projeto em andamento) retomei a temática religião e política. Como a análise dos dados da pesquisa realizada pelo PCRI ainda não se esgotou, continuo trabalhando nela. Portanto, diante de um convite para falar sobre religião no Brasil no congresso “*Crossroads in Cultural Studies 2016*”⁹, que ocorreu na Sydney University e Western Sydney University, na Austrália em dezembro de 2016, tratei desses dados em uma apresentação com Brenda Carranza.

Esses congressos em 2016, foram os últimos que participei recentemente. Atualmente não tenho ido tanto a congressos como costumava fazer por muitos anos quando ia todos os anos a congressos nacionais e internacionais.

⁸ A juventude é um tema frequente no estudo da religião e apareceu em vários outros trabalhos que orientei como as dissertações de Wellington Pinheiro (2015), e de Pedro H. Jorge (2009) e ainda as teses de Denise dos Santos Rodrigues (2010). Maria Goreth Santos (2008) e Sílvia Fernandes (1999).

⁹ Maiores informações sobre esse congresso organizado pela “Association for Cultural Studies” (ACS) consultar o site <http://crossroads2016.org/>. Fomos (Brenda Carranza e eu) palestrantes convidadas, ver <http://crossroads2016.org/speakers/> e <http://crossroads2016.org/cecilia-mariz> (sites disponíveis em 30 de dezembro de 2017)

Costumava organizar mesas, seminários entre outras atividades com várias colegas do Rio de Janeiro ou de fora do Estado ou do país. Com Maria das Dores Machado, organizamos o GT de religião da Anpocs por três anos. Passei oito (8) anos como membro do conselho da Sociedade Internacional de Sociologia da Religião (SISR) representando a América do Sul, de 2001 a 2008.

Chegando ao final desse memorial devo mencionar ainda minha experiência com administração, atividade a que me dediquei relativamente menos. No biênio 2003-2004, junto com a professora Maria Josefina Sant'Anna, coordenamos o PPCIS. Durante esses dois anos enfrentamos greves de funcionários e nos preparamos para uma avaliação trienal da CAPES, e graças a todo investimento de anos de trabalho do conjunto do colegiado e estudantes, nosso programa foi promovido naquela avaliação recebendo o conceito 5 da CAPES. Em 2017 voltei a me envolver na administração assumindo a coordenação discente do PPCIS. Além dessa experiência de coordenação no PPCIS, tive algumas experiências administrativas na UERJ como coordenação da área de Sociologia e de representação em alguns conselhos universitários mais recentemente. Dentre atividades fora da UERJ, lembro ainda os dois anos que fui coordenadora da área de Ciências Sociais, Políticas e Relações Internacionais da Faperj, de 2012 a 2014. No entanto, como pode ser visto por esse memorial, meu maior investimento e o foco de minha carreira tem sido a pesquisa e também na formação de pesquisadores através da orientação e ensino. A troca durante e orientação bem como na sala de aula é muito estimulante e ajuda na atividade reflexão e de pesquisa.

Para concluir queria destacar que tenho orgulho de meus ex orientados. sou feliz por ter muitos ex-orientandos com livros e muitos artigos publicados que continuam produzindo trabalhos originais com dados novos e reflexões instigantes, coordenando grupos de pesquisa e em congressos, orientando outros estudantes, sendo professores no ensino superior, no ensino técnico e médio, em várias partes do país, e trabalhando em órgãos como o IBGE. Evidente que são pessoas talentosas e já eram quando os conheci, mas gosto de pensar que contribui de alguma forma para que se motivassem para o estudo e a pesquisa em nossa área. Essa contribuição na verdade é uma troca - uma via de mão dupla. Meus orientandos e alunos sempre me ajudaram muito em minhas reflexões com suas pesquisas e conversas.

Rio de Janeiro, dezembro de 2017